



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

IZAIANE OLIVEIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CAMPO: EXPERIÊNCIAS
DO PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA E EJA CAMPO
ENSINO MÉDIO EM GOIANÉSIA (PA)**

**MARABÁ
2021**

IZAIANE OLIVEIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CAMPO: DO PROJovem
CAMPO SABERES DA TERRA AO EJA MÉDIO CAMPO EM
GOIANÉSIA (PA)**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Campus de Marabá/PA, como pré-requisito para obtenção do título em Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Humanas Sociais.

Orientador (a): Prof^ª. Ms. Maria Célia Vieira da Silva

**MARABÁ
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho

S586e Silva, Izaiane Oliveira da
Educação de jovens e adultos no campo: do Projovem Campo Saberes da Terra ao EJA Médio Campo em Goianésia (PA) / Izaiane Oliveira da Silva. — 2021.
70 f.

Orientador(a): Maria Célia Vieira da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2021.

1. Educação de jovens e adultos - Goianésia (PA). 2. Educação rural. 3. Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Brasil). 4. Escolas rurais. I. Silva, Maria Célia Vieira da, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 372.98115

Elaborado por Alessandra Helena da Mata Nunes – CRB-2/586

IZAIANE OLIVEIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CAMPO: DO PROJovem
CAMPO SABERES DA TERRA AO EJA MÉDIO CAMPO EM
GOIANÉSIA (PA)**

Data da Defesa: 09 de dezembro de 2021, 9h
Conceito: Bom

Banca Examinadora

Profª. Ms. Maria Célia Vieira da Silva - UNIFESSPA
(Orientadora)

Prof. Dr. Evandro de Costa Medeiros - UNIFESSPA
(Examinador interno)

Profa. Dra. Maria Suely Ferreira Gomes - IFPA / Campus Rural Marabá
(Examinadora externa)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida; ao meu pai Divino, pois é graças a ele e seu esforço que hoje posso concluir o meu curso; a minha irmã Simone, e a toda minha família que, com muito carinho sempre me apoiou e não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Dedico, in-memoria, a mãe Maria Alice, agradeço a ela pela base que deixou para me tornar a pessoa que sou hoje.

Ao Curso de Educação do Campo, e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foi a melhor experiência da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Ms. Maria Célia Vieira da Silva, por ter aceitado me acompanhar neste projeto. O seu empenho foi essencial para a minha motivação à medida que as dificuldades iam surgindo ao longo do percurso. Agradeço aos professores integrantes da banca examinadora, que se dispuseram a estar comigo, Prof. Dr. Evandro de Costa Medeiros e a Profa. Dra. Maria Suely Ferreira Gomes, meu agradecimento por todas as considerações e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Expresso minha gratidão a todos os professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo / UNIFESSPA por todo o apoio que me deram ao longo da realização do meu trabalho. Agradeço com profunda admiração pelo profissionalismo de cada um/a.

RESUMO

Discute-se sobre Educação de Jovens e Adultos no campo tendo como foco os programas Projovem Campo Saberes da Terra e o EJA Médio campo, desenvolvidos na Vila Janari, Goianésia do Pará. Tem o objetivo de compreender se e como essa experiência pedagógica tem valorizado ou não a identidade dos estudantes na agricultura familiar. A produção de dados e informações se deu a partir de entrevistas e aplicação de questionários envolvendo moradores pioneiros, coordenadora, professores e estudantes da turma de EJA. O estudo evidenciou que o Projovem Campo Saberes da Terra subsidiou a criação do Programa EJA Médio Campo na Vila Janari, resultado da reivindicação dos estudantes concluintes dos anos finais do ensino fundamental no Projovem Campo Saberes da Terra. De modo que a reivindicação consistiu na oferta do ensino médio na localidade de moradia, relacionando estudo e trabalho no campo. Ao apontarem o Projovem Campo como referência para a organização curricular do ensino médio EJA Campo, os estudantes acabam por referendar esta como uma política de EJA com potencial de valorização da identidade camponesa. Sendo, portanto, importante iniciativa que contribui no conjunto de políticas públicas pensadas para atender jovens e adultos do campo, mas precisa ser mais conhecida e incorporada nas redes de ensino e na organização curricular das escolas para que tenha uma continuidade e produza alterações significativas na perspectiva de valorização dos povos do campo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. EJA Médio Campo . Educação do Campo. Escola do Campo. Trabalho no Campo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA – ASPECTOS HISTÓRICOS E PRINCÍPIO DE PEDAGÓGICO DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR	11
1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA	11
1.2 PRINCÍPIO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR NA PROPOSTA PEDAGÓGICA	13
1.3 DO PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA AO PROGRAMA EJA CAMPO	15
2. ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE O LOCUS DA PESQUISA: VILA JANARI, GOIANÉSIA DO PARÁ	17
2.1 A FORMAÇÃO DA VILA JANARI	17
2.2 MEMÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA VILA JANARI	25
3. EDUCAÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES A PARTIR DO PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA E EJA MÉDIO CAMPO NA VILA JANARI	30
3.1 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DO CURSO EJA MÉDIO CAMPO NA VILA JANARI	30
3.2 EXPERIÊNCIA DO PROJOVEM CAMPO E EJA MÉDIO CAMPO: COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA EJA MÉDIO CAMPO	42
3.3 CONDIÇÕES DE DESLOCAMENTO PARA CHEGAR ATÉ A ESCOLA E CONCILIAÇÃO (OU NÃO) ENTRE TRABALHO E ESTUDO	48
3.4 TRABALHO NO CAMPO	55
3.5 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DA AGRICULTURA FAMILIAR	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, evidenciamos a proposta do Projovem Campo Saberes da Terra, que enfatiza em sua concepção ser “Política de Juventude”. “O programa visa ampliar o acesso e a qualidade da educação à essa parcela da população historicamente excluída do direito à educação, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo” (ALVES; COSTA, s/d). Assumindo este pressuposto, reconhecemos que as práticas pedagógicas do Projovem trazem importantes contribuições à modalidade EJA. Desta forma, a presente investigação apresenta uma reflexão sobre a proposta pedagógica do Projovem na Vila Janari - Goianésia / PA, a fim de compreender o processo de aprendizagem desta modalidade de ensino, como o Projovem Campo subsidiou a construção da EJA Campo na vila Janari? Quais resultados e/ou contribuições já podem ser observados com essas ações?

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o sentido do Projovem Campo Saberes da Terra e do EJA Médio Campo para agricultores na Vila Janari, e como essa proposta pedagógica tem valorizado a sua identidade na agricultura familiar. Desdobram-se nos seguintes objetivos específicos: i) Compreender aspectos históricos e os princípios pedagógicos do Projovem Campo Saberes da Terra e do EJA Médio Campo, compreendendo como o Projovem Campo Saberes da Terra subsidiou a criação do EJA Médio Campo, a partir da sua experiência na Vila Janari, Goianésia-PA; ii) Compreender a constituição sócio histórica da Vila Janari e a demanda por educação de jovens e adultos agricultores; iii) Analisar a experiência pedagógica do Projovem Campo / EJA Médio Campo na Vila Janari, considerando possíveis contribuições ou não para a valorização do trabalho na agricultura familiar.

A pesquisa envolveu diretamente 2 professores e 1 coordenadora pedagógica com atuação no Programa e um total de 9 agricultores estudantes da turma EJA Médio Campo e que haviam realizado os anos finais do ensino fundamental no Projovem Campo Saberes da Terra. Destes, 4 eram do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Estes estudantes se encontram numa faixa etária entre 20 a 47 anos, e

foram escolhidos por terem produções agrícolas diferentes, são filhos de agricultores e permanecem na agricultura. Dentre as práticas que realizam, destaca-se a produção de farinha que é realizada em uma casa apropriada para produção deste produto agrícola. A turma foi ofertada na Escola de Ensino Estadual Gilvan Caldas Nunes, na Vila Janari, no território de Goianésia do Pará – Pará.

Cabe ressaltar que, nessa investigação, optamos por dialogar com a legislação e políticas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que busca envolver uma faixa etária específica (18 a 24 anos). Apesar da importância das políticas de EJA, reconhecemos que há limites nesse recorte etário frente a negação da infância e juventude que força que muitos se tornarem adultos precocemente.

As motivações para a pesquisa se deram no decorrer do processo formativo do Curso Licenciatura em Educação do Campo em sua alternância de tempos e espaço formativos. Em especial pelas provocações das atividades orientadas nos chamados tempos comunidade que nos instigavam a conhecer a nossa realidade. Essas pesquisas, após realizadas e sistematizadas, eram socializadas nos tempos universidade. Nos dois primeiros tempos comunidade, realizados entre 2015 a 2016, foi possível produzir informações sobre a história da localidade e das instituições educativas presentes na comunidade.

Essa etapa de produção de dados e informações, direcionada especificamente às turmas de EJA, teve início no mês de dezembro de 2019 a 27 de janeiro de 2020, foi por meio de entrevista, na residência dos agricultores que dispuseram de seu tempo, em relação aos seus afazeres. As perguntas foram formuladas para atender os objetivos propostos e foi entregue questionário aos que não tiveram disponibilidade para a entrevista, quatro responderam o questionário. Válido ressaltar que, por ser uma comunidade com poucos habitantes, e como pertencço a esta, não houve entraves para a aceitação da proposta, pelo fato de já conhecerem a minha trajetória de vida e trajetória acadêmica.

As entrevistas deram-se de forma tranquila, sendo em média de 60 minutos de conversa com cada agricultor/estudante, pois além das perguntas feitas no roteiro, houve outras discussões e diálogos informais sobre a vivência, e experiência da vida de cada agricultor.

O presente trabalho está organizado em três seções que buscam se relacionar com os objetivos específicos já apresentados. Assim, na seção 1

apresenta alguns aspectos históricos e os princípios pedagógicos do Projovem Campo Saberes da Terra e do EJA Médio Campo, compreendendo como o Projovem Campo Saberes da Terra subsidiou a criação do EJA Médio Campo, a partir da sua experiência na Vila Janari, Goianésia-PA; a seção 2 trata de uma breve constituição sócio histórica da Vila Janari e a demanda por educação de jovens e adultos agricultores; a seção 3 discute sobre a experiência pedagógica do Projovem Campo / EJA Médio Campo na Vila Janari, considerando possíveis contribuições ou não para a valorização do trabalho na agricultura familiar.

1. PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA – ASPECTOS HISTÓRICOS E PRINCÍPIO DE PEDAGÓGICO DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR

Nesta seção buscamos compreender aspectos históricos e os princípios pedagógicos do ProJovem Campo Saberes da Terra e do EJA Médio Campo, compreendendo como o Projovem Campo Saberes da Terra subsidiou a criação do EJA Médio Campo, a partir da sua experiência na Vila Janari.

1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA

A importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou a ser reconhecida em vários países devido às conferências organizadas pela Unesco nos anos 1990. A partir de então, surgiu no Brasil uma mobilização nacional no sentido de diagnosticar metas e ações da EJA. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) garante igualdade de acesso e permanência na escola e ensino de qualidade, além da valorização da experiência extraescolar. Garante ainda educação básica obrigatória e gratuita, inclusive para os que não tiveram acesso a ele na idade própria (GONÇALVES E OLIVEIRA, 2012). Conforme discutido por Haddad e Di Pierro (2000, p. 126):

[...] Este tem sido o caminho da educação de jovens e adultos, que ao sair da preocupação central do Ministério da Educação como educação fundamental pensada para todos, passou para os espaços das políticas compensatórias da filantropia e do mercado. Não que tais programas não tenham espaço por suas características de inovação e atendimento, no entanto, não podem ser consideradas substitutas da ação do Estado, mas sim complementares (HADDAD E DI PIERRO, 2000, p.126).

O Projovem insere-se no conjunto de políticas públicas voltadas a atender os trabalhadores do campo.

As políticas públicas em prol da agricultura familiar tiveram expressão, no Brasil, a partir de meados da década de 1990, em decorrência do contexto macroeconômico da reforma do Estado. Foram dois os fatores principais que motivaram o avanço dessas políticas públicas: a crescente necessidade de intervenção estatal frente ao quadro de exclusão social e o fortalecimento dos movimentos sociais (SANTOS, 2005, s/p ?).

Esse programa insere-se ainda no conjunto de reivindicações dos movimentos sociais do campo na luta pelo direito à educação, sendo uma das iniciativas do Movimento da Educação do Campo. Para Caldart (2012, p. 262)

A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. [...] Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra-hegemônicas, ela exige teoria, e exige cada vez maior rigor de análise da realidade concreta, perspectiva de práxis.

Essa construção política é resultado de anos de luta dos movimentos sociais que denunciam historicamente os descasos da realidade brasileira frente às gritantes desigualdades sociais decorrentes da divisão social de classes que afeta os povos do campo (LIMA; MAMORÉ, 2013).

O Programa ProJovem criado em 2005, vinculado ao Ministério da Educação pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) com a meta de escolarização de 5.000 jovens agricultores/as de diferentes estados e regiões do Brasil: Bahia, Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Piauí pela região nordeste. Mato Grosso do Sul no Centro-Oeste. Santa Catarina e Paraná pela região Sul. Da região Sudeste Minas Gerais e do Norte participam Pará, Tocantins e Rondônia (EQUIPE EXECUTIVA DO PROJÓVEM CAMPO- SABERES DA TERRA..., S/D.)

O ProJovem Campo – Saberes da Terra apresenta-se como inovador por tratar de uma política nacional de escolarização de jovens e em específico de jovens agricultores/as articulando a formação intelectual e social ao fortalecimento da agricultura familiar, o propósito do Programa é reconhecer as escolas do campo como locais de formação intelectual, social e profissional, de discussão e valorização da história das comunidades, partindo desse pressuposto propondo um currículo que valorize suas essências e vivências intrínsecas na cultura local (FERNANDES; BASTIANI, 2015)

O ProJovem Campo – Saberes da Terra está centrado nos jovens camponeses de 18 a 29 anos. Cabe ressaltar que a Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílios (PNAD) de 2006 aponta para um total de 6.276.104 jovens nesta faixa etária que vivem nas áreas rurais. Desses, 1.641.940 jovens não concluíram o primeiro segmento do ensino fundamental, representando 26,16% do total e 3.878.757, (61,80%) não concluíram a segunda etapa do Ensino Fundamental. Para enfrentar esses índices alarmantes de exclusão educacional, o programa vai atender em 2008 uma parcela de 35 mil jovens agricultores familiares em parceria com 21 estados, 3 municípios e movimentos sociais de todas as regiões do país e pretende atingir 275.000 jovens agricultores até 2011, com metas de atendimento para aqueles que residem nos Territórios da Cidadania. (EQUIPE EXECUTIVA DO PROJÓVEM CAMPO- SABERES DA TERRA CGEC/SECAD/MEC)

O ProJovem Campo – Saberes da Terra tem como finalidade proporcionar formação integral ao jovem do campo por meio de elevação de escolaridade, tendo em vista a conclusão do Ensino Fundamental com qualificação social e profissional e potencializar a ação dos jovens agricultores para o desenvolvimento sustentável e solidário de seus núcleos familiares e suas comunidades por meio de atividades curriculares e pedagógicas, em conformidade com o que estabelecem as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo – Resolução CNE/CEB Nº 1 de 03/04/2002.

A organização curricular do ProJovem Campo – Saberes da Terra está fundamentada no eixo articulador Agricultura Familiar e Sustentabilidade. Este eixo amplia suas dimensões de atuação na formação do jovem agricultor por meio dos seguintes eixos temáticos: a) Agricultura Familiar: identidade, cultura, gênero e etnia; b) Sistemas de Produção e Processos de Trabalho no Campo c) Cidadania, Organização Social e Políticas Públicas; d) Economia Solidária; e) Desenvolvimento Sustentável e Solidário com enfoque Territorial. Os eixos temáticos agregam conhecimentos da formação profissional e das áreas de estudo para a elevação da escolaridade. (MEC, 2012)

O currículo do ProJovem Campo também dialoga com as áreas de conhecimento: Linguagem, código e suas tecnologias; Ciências Humanas, Ciências Naturais; Ciências Exatas e Ciências Agrárias. Essa proposta de organização curricular busca as contribuições da História, Biologia, Geografia, Matemática, entre outras áreas de conhecimento que compõem o currículo do ensino fundamental, para a compreensão e explicitação dos saberes presentes nos eixos temáticos. O conjunto dessa organização curricular atua para a formação integrada ao mundo do

trabalho e da cidadania, valorizando os saberes das diferentes práticas produtivas camponesas, as tradições históricas, culturais, os acúmulos tecnológicos e organizacionais cada vez mais presente entre os agricultores familiares do Brasil (EQUIPE EXECUTIVA DO PROJÓVEM CAMPO- SABERES DA TERRA...; MEC, 2012).

1.2 PRINCÍPIO DA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR NA PROPOSTA PEDAGÓGICA

A execução da proposta pedagógica e curricular, acontece por meio da realização de atividades educativas em diferentes tempos e espaços formativos, sendo o “Tempo Escola,” o período no qual, os jovens permanecem efetivamente na unidade escolar com atribuições de aprendizagens sobre os saberes técnico-científicos dos eixos temáticos, planejamento e execução de pesquisas, atividades de acolhimento e organização grupal, entre outras atividades pedagógicas.

A maior abrangência da expressão Educação do Campo, também tem um sentido mais inclusivo, contribuindo à maior visibilidade de grupos, como quilombolas e indígenas, e à sua maior consideração social e política. Espera-se que a perspectiva de confrontar e afirmar nova perspectiva conceitual, política, pedagógica e epistêmica, o significado da expressão “educação rural” para o de “educação do campo” possa significar mais do que, simplesmente, uma alteração semântica e contribuir com o desenvolvimento de políticas efetivas em favor de um número significativo de trabalhadores e trabalhadoras que têm sido excluídos do processo de escolarização durante a história sócio educacional brasileira (RANGEL; CARMO, 2011).

Ainda, refletindo sobre a valorização da luta pela educação do campo, Souza (2012) acrescenta que há muitos desafios e impactos relevantes para elaboração de políticas educacionais:

Destaca-se que um dos impactos e desafios das lutas da educação do campo é o reconhecimento da diversidade de trabalhadores do campo brasileiro no momento de elaborar políticas educacionais. Afinal, discutir identidades e culturas tão específicas como a dos indígenas, povos das florestas, ribeirinhos, caiçaras, ilhéus, quilombolas, faxinalenses, assentados, acampados, mulheres camponesas, entre outras,

exige esforço pedagógico e político. Corre-se o risco de mascarar as diferenças e diversidades em nome da igualdade. Outros segmentos que têm tido destaque na elaboração das políticas públicas são: jovens e idosos do campo e pessoas com necessidades especiais. Pouco ou nada era dito ou investigado desses sujeitos trabalhadores nas pesquisas educacionais até recentemente. Na luta contra a desigualdade educacional, reconhece-se a existência da diversidade e, com ela, a busca da superação das desigualdades sociais mediante a luta e construção de políticas públicas voltadas à agricultura familiar e a reforma agrária (SOUZA, 2012, p. 759).

Segundo Caldart (2012, p. 262), “a Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica”. A mesma autora reflete que

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública. (CALDART, 2012, p. 257).

Entretanto, a efetivação de uma política da educação no campo, ainda continua sendo um desafio permanente. Sua realização está no horizonte da luta dos trabalhadores para atender os anseios do povo do campo.

1.3 DO PROJovem CAMPO SABERES DA TERRA AO PROGRAMA EJA CAMPO

Segundo levantamento feito junto à coordenadora do curso EJA Campo Ensino Médio, recorda-se que o programa Saberes da Terra foi iniciado no ano de 2012 na Vila Aparecida e no ano 2015 na Vila Janari. Atualmente esta modalidade de ensino, EJA Campo Ensino Médio, atende em especial os estudantes que concluíram os anos finais no Projovem Campo Saberes da Terra e está presente em 15 municípios do estado do Pará. Sendo que, em junho do ano de 2018 os

professores foram todos contratados para atuar na modalidade EJA campo ensino médio na vila Janari.

A colaboradora relata que a equipe da Coordenadoria do Campo das Águas e das Florestas - CECAF, organizou a legalização do ensino médio EJA campo, em agosto de 2018, tramitou na SEDUC toda a documentação necessária para legalizar. O curso no ano de 2018, teve início no município, possibilitando aos estudantes que concluíram o saberes da terra a oportunidade de concluir o ensino médio em 2021 em Goianésia do Pará, na Vila Aparecida. Na Vila Janari foram 21 alunos que concluíram, e na Vila Aparecida foram 43 alunos que concluíram o ensino médio pela modalidade EJA Médio Campo.

A oferta do ensino médio na modalidade EJA Campo resulta de demanda de longa data apresentada à Seduc pelas populações do campo, e mais recentemente, durante os encontros territoriais da juventude no estado do Pará, organizados pela Seduc por meio da SECAF em 6 polos do estado, conforme relatou a Coordenadora do curso EJA Campo Ensino Médio de Goianésia. Na oportunidade, jovens e adultos que estavam concluindo o ensino Fundamental no Projovem Campo Saberes da Terra, solicitaram o Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA, que tivessem uma metodologia aproximada à proposta dos Saberes da Terra.

Foi realizada uma pesquisa de campo pela equipe da Seduc, que criou vários polos, no total de 11 municípios contemplados, para fazer o encontro territorial da juventude do campo, das águas e das florestas. Após esses encontros territoriais a Seduc elaborou um documento baseado na fala dos alunos, registrando a demanda apresentada.

A EJA também tinha a missão de contemplar alunos a partir dos 18 anos de idade. O projeto inicial foi implantado no ano de 2018 em 11 municípios do Estado do Pará.

Ainda com base no relato da coordenadora do curso EJA Campo Ensino Médio / Goianésia, o Projovem Campo – Saberes da Terra destina-se a jovens agricultores familiares com idade entre 18 e 29 anos que saibam ler e escrever mas não tenham concluído o ensino fundamental. O programa atende prioritariamente jovens residentes nos municípios com o maior número de escolas no campo e nos municípios que fazem parte dos Territórios da Cidadania, além dos jovens egressos do Programa Brasil Alfabetizado.

Viu-se portanto que, o processo histórico do Projovem Campo ao programa EJA campo: se deu em função da grande necessidade da continuidade dos estudos dos alunos que concluíram o ensino fundamental pelo programa saberes da terra, como os alunos haviam concluído o ensino fundamental por área de conhecimento, com o currículo integrado e que valorizava o contexto do aluno, então sentiam a necessidade de um ensino médio que levasse em consideração a perspectiva do campo, a realidade e que dialogasse com a sua realidade.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE O *LOCUS* DA PESQUISA: VILA JANARI, GOIANÉSIA DO PARÁ

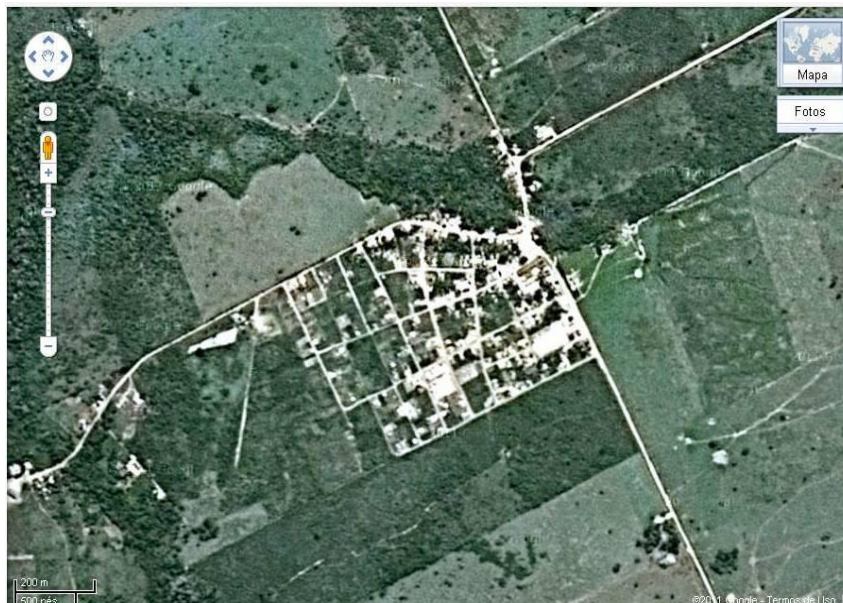
Neste tópico trago alguns elementos sobre o processo de constituição sócio histórica da Vila Janari, município de Goianésia - Pará, com base em narrativas de moradores antigos, Sr. Luzimar e o Sr. Otacílio, que contribuíram na produção do primeiro tempo comunidade do curso Licenciatura em Educação do Campo (mar-jun/2015).

2.1 A FORMAÇÃO DA VILA JANARI

A área onde foi realizada a pesquisa, chamada de Vila Janari, fica localizada cerca de 67 km da sede do município de Goianésia do Pará – Pará. Sendo considerada a maior vila deste município com aproximadamente 200 residências. Desde 1993, torna-se distrito, pois aos seus arredores possui várias vilas que são interligadas com esta “vila sede”. Isto é, o atendimento básico de saúde, escola, mercearias, padarias entre outros é realizado na vila, e a população dos arredores, vem fazer o uso, sendo portanto, considerada a vila central.

A comunidade Janari constitui-se a partir das vicinais que se inter cruzam em vários sentidos, sendo estas a C-0, C-4, C-8, C-12, C-16, C-22, Trevo da Moram, Açaizal, Centro dos Paulo, Fazendinha I, Fazendinha II, Cerpal, Porto Novo e duas colônias de pescadores da região do lago. Segue abaixo a figura 1 com imagem via satélite da Vila Janari.

Figura 1: Imagem de satélite da Vila Janari / Goianésia - Pará



Fonte: Pesquisa de Campo - Segundo tempo comunidade (TC) 2016 - Associação dos Moradores Organizado da Vila Janari (AMOJAM)

Não há dados precisos sobre a data em que os primeiros moradores começaram a chegar à região da vila Janari, porém, os moradores mais antigos como o entrevistado Sr. Luzimar (entrevista concedida aos 25/03/2015) relata que a família de um homem que atendia por este nome - Janari - é que deu nome à vila, tendo chegado na região por volta de 1987, período o qual Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins (GETAT) pressionado pelos migrantes e movimentos sociais demarcou 59 hectares de terras para distribuir às famílias que viessem a acampar, e 100 hectares para o povoado que já estava acampado. O senhor Janari Alves dos Santos, ficou sabendo dessas terras, pois, o mesmo prestava serviços para a empresa Camargo Correia na construção da Usina hidrelétrica de Tucuruí (UHE).

Como foi observado no relato de pioneiros da comunidade, as terras foram divididas em glebas, essas glebas foram divididas por família, foi quando o senhor Janari conseguiu uma gleba perto do riacho, na época ele morava em Tucuruí, mas ele procurou por um senhor, que se chamava João Pestana funcionário/fiscal do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), responsável pela fiscalização de ocupação e distribuição das terras da região para ele ficar com a maior parte das terras, e assim ele se tornou liderança distributiva de terras na comunidade.

As narrativas dos moradores antigos se relacionam com resultados de outras pesquisas já realizadas sobre a localidade. Neste sentido, destacamos o estudo realizado pelo professor Ivanilson Vieira dos Santos (2013), também morador local. Santos (2013, 36, p) relaciona a vinda das famílias para a localidade com a instalação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, reafirma que “o município de Goianésia faz parte da comunidade dos municípios diretamente atingidos pelo projeto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí”. São inúmeras as implicações desses grandes empreendimentos, carecendo de análises mais criteriosas sobre seus impactos socioambientais, como alerta Goodland (1978, p. 1):

A ELETRONORTE originalmente não incluiu nenhum estudo dos impactos sociais na sua avaliação da barragem (Brasil, ELETRONORTE, 1974). Em 1977, dois meses após o início da construção, um único consultor (Robert Goodland) foi contratado para preparar uma “avaliação ambiental”. Ele fez sua avaliação baseada em apenas um mês (julho de 1977) de visita de campo (GOODLAND, 1978, p. 1).

Retomando mais especificamente o histórico da Vila Janari, Santos (2013) além de valorizar as narrativas de moradores antigos da Vila Janari, também traz contribuições para compreendermos o histórico da vila. Para o autor

O espaço geográfico que hoje forma o distrito de Janari e região já pertenceu aos municípios de Tucuruí, Rondon do Pará e Jacundá e, atualmente, pertence ao município de Goianésia do Pará. Seu povoamento nasceu em virtude da política de distribuição de terras promovidas pelo programa de povoamento do Governo Federal e, o ápice da colonização da região está de certa forma ligada ao projeto de construção e inauguração da Usina Hidrelétrica de Tucuruí juntamente com a abertura de estradas vicinais para escoação dos produtos cultivados ou extraídos pelos colonos (SANTOS, 2013, 36, 37p).

A história da formação da vila Janari, no início da década de 1990, permanece viva na memória dos pioneiros da comunidade, como pode ser observado na riqueza de detalhes do trecho abaixo:

A Vila Janari surgiu como um big bem, foi de um estouro, aqui era uma gleba, essa gleba ela foi dividida pra cada uma pessoa, pra uma família um lote de terra de dez alqueiros, nessa época eu trabalhava na Camargo Corrêa é, junto com um rapaz chamado Janari, esse Janari... Como surgiu esse terreno, ele conseguiu esse lote aqui, na beira do riacho aqui é ai todo mundo foi chegando, cada um foi

cuidando da sua propriedade é ele ficou praticamente o centro aqui a gente sai da c-16 é doze quilômetro daqui da c-4 quinze quilômetro era um ponto de parada era aqui, aqui que a gente tomava o transporte pra ir pra cidade, na casa dele, que dava hospedagem pra todo mundo que passava tipo um ponto de apoio, é aí foi criando isso aí, é o povo ficava Janari, Janari é isso aqui expandiu, é foi crescendo é Janari se tornou a denominação do lugar é essa que foi a questão. Janari foi embora vendeu pra outro o Otacílio é, mas longo continuei a ficar, até inclusive, eles queria colocar vila São João Batista que um nome ignorado por todo, mundo só quem sabe aqui é o pessoal do começo, é quem sabe da historia do Janari, foi aqui dentro que tem esse nome (Luzimar Nascimento, Pioneiro da Vila Janari, ENTREVISTA cedida em 25/03/2015).

Vê-se que o nome da Vila tem forte relação com sua história de formação, sendo expressão de relações sociais construídas pelos sujeitos, como fica evidente também no relato do pioneiro Sr. Otacílio:

Era o primeiro, o dono dessa terra que era Janari Alves dos Santos. Era o nome do senhor. Então esse nome pegou! Janari porque onde tinha estrada era aqui... passava aqui... então... todos os que vinham daquele lado da c-16, c-12 por ali, que não tinha estrada. Vinha pegar carro em Janari e todos ficou (ele falou com um tom de voz baixa) _ Vamos lá pro Janari! E tinha um comércinho também, que ele era o único que tinha. _ Vamos lá pro Janari! vamos lá pro Janari! Então Janari foi embora e ficou o nome dele. Aí, foi que foi iniciando essa vila. A partir dessa época, que eu cheguei aqui tinha o Janari aqui (ele apontou em direção ao local onde senhor Janari morava). E pra ali, não tinha nada. Aí apareceu uma casinha e o resto era tudo mato. Aí foi indo, começou chegar o pessoal do Maranhão, o pessoal do Zé de Marcos chegando. Aí e foi fazendo casa, explorando a mata. Aí, porque sempre teve esse terreno aí, foram deixados esses dois lotes esses vinte alqueiro pra esta vila. Aí, através desta que fora chegando, foram morando e foi crescendo mais e hoje tá assim, e aconteceu coisa até que nós não esperava quem chegou aqui no começo não esperava a gente sempre esperava o melhor, mas não se esperava ter a nossa escola, no ponto que chega essas hoje, né. (OTACILIO BARROS ABREU, primeiro morador, ENTREVISTA cedida em 17/03/2015).

Há vários estudos que analisam esse processo da política de (re) ocupação dirigida do espaço amazônico, seus conflitos e implicações (PEREIRA, 2017). Portanto, os migrantes vieram para a região sul e sudeste paraense com objetivo de encontrar terras para abrigar suas famílias, tinha muitas famílias de todas as partes à procura de terras boas, como anunciada pelas propagandas governamentais. Como a promessa não foi efetivada, algumas famílias se viam obrigadas a prestar serviço para os supostos proprietários das terras, muitas vezes por meio de mão de

obra barata e em condições escravas, justificado pelos supostos proprietários das terras que dizia dar casa e escola aos migrantes, tal qual relata o morador Otacílio (entrevistado aos 17/03/2015) fruto dessa realidade, migrante do maranhão na década de 1980:

Ah! Coisa naquele tempo era muito difícil para estudar, as pessoas moravam em um terreno, e na época eram os donos da terra que trazia os professores, o tempo que ele estava ali nos estava estudando com ele, mas quando ia embora ficava sem estudar. Chamava-nos agregado você morava na terra de fulano de tal agregado, trabalhando fazendo renda pro pessoal pro dono da terra, fazendo roça para poder pagar. (OTACILIO BARROS ABREU, primeiro morador, ENTREVISTA cedida em 17/03/2015).

Os trabalhadores que formaram a comunidade Janari vieram especialmente da região do Bico do Papagaio, norte do estado de Goiás (hoje, pertencente ao Estado do Tocantins) e sudoeste do Maranhão. No entanto, em meio a todos estes colonizadores da região, havia também pessoas vindas de outros estados, como por exemplo, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Piauí, Ceará e Pernambuco, mais tarde com a exploração da madeira, chegaram muitas outras famílias vindas do sul dos país, como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Atualmente, a região da Vila Janari se compõe de pessoas originárias das mesmas regiões. No entanto, as atividades desenvolvidas na região são bastante diferentes das praticadas nas décadas anteriores. Até meados dos anos 1990, os agricultores se dedicavam à produção de carvão vegetal, reaproveitando a madeira resultante das queimadas para a prática da agricultura. Hoje o que predomina entre os pequenos agricultores é a plantação de mandioca para a produção de farinha, dedicam-se à criação de gado para a produção de leite e realizam cursos de derivados do leite. Atualmente vemos muitos agricultores investindo no plantio de pimenta do reino, na qual muitos conseguiram resultados positivos, pois é de fácil comercialização.

Os que não são agricultores, o que corresponde a minoria, e que não tem uma outra fonte de renda opta pelo trabalho assalariado atuando, geralmente, na prefeitura municipal, destes que atuam na prefeitura, a maioria é contratada e poucos são concursados.

Com todos esses desafios e lutas ainda encontramos pessoas capazes de lutar pelos direitos do povo e que sonham com a melhoria da comunidade. Nesse sentido, destacamos a importância da criação da Associação dos Moradores Organizados da Vila Janari (AMOJAM), na qual o senhor Luzimar teve importante participação como um dos membros fundadores, incentivando a organização dos moradores através da criação da associação. Como resultado dessa articulação, no dia dezesseis de maio de mil novecentos e noventa e nove (16/05/1999) dá-se a criação da Associação de moradores da vila Janari com um objetivo de lutar por direitos.

No período em que realizamos as atividades da segunda pesquisa socioeducacional, em 2016, o presidente da AMOJAM era o senhor Joaquim de Sousa Aguiar, que também tem lutado muito pela permanência da associação. Em sua entrevista, relata que

não é fácil pegar um cargo desses, pois tem que lutar por um objetivo que não é só seu e sim de uma comunidade, e sendo um presidente, independentemente da situação na qual a comunidade se encontra tem que estar à frente e conscientizar a comunidade de que a associação contribui na luta por seus direitos, apesar da descrença das famílias em relação ao poder público, em viabilizar políticas que de fato tragam melhorias às suas vidas (Presidente atual da Associação de Moradores, 2016).

Além da associação dos moradores temos também uma cooperativa Associação dos Produtores Rurais Organizados do Janari (APROJ). Essas formas de organização vem contribuindo com os agricultores para o acesso a políticas de crédito ligadas ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura (PRONAF) via Banco da Amazônia (BASA) - viabilizando a realização de projetos como criação de gado, plantios de roças, dentre outros.

Nos relatos, é possível identificar a importância do acesso a política de crédito via Pronaf. No entanto, há predomínio da atividade pecuária bovina, que mobiliza um imaginário social em torno de uma suposta rentabilidade dessa atividade sem problematizar seus impactos, como pode ser observado no relato do senhor Joaquim, segundo presidente da MOJAM:

Já tivemos vários projetos na criação do gado, na questão da farinha por mais que foi um projeto atropelado, mas também que fez com que os produtores produzissem mais a questão da matéria prima da mandioca para poder ganhar a farinha. E a questão dos produtores rurais têm mais umas dez na região aqui, então cada uma ela consegue, as vez em um projeto só

vai um milhão de reais de aplicação no recurso em projeto, ela dá oportunidade para várias famílias se organizar e futuramente se estruturar economicamente também, porque o projeto do gado se a pessoa realmente cumpre o que é o projeto é muito bom porque paga a conta e ainda sobra muito gado, [...] na verdade o que mais produz hoje na terra é a pecuária, é a produção do gado de corte. (Joaquim Sousa de Aguilár, atual presidente da associação, entrevista cedida em 28/03/2015).

Atualmente há um forte incentivo do governo para produção na agropecuária em pequena e grande escala, trazendo o risco da reconcentração de terras, concentração de poder e de comércio, tal qual era na década de 1960.

Apesar de a vila Janari ser destaque na produção de farinha como fonte de renda para as famílias, gradativamente tem aumentado as áreas de pastagem para criação de gado, alterando as práticas das famílias. O acesso à política de crédito, apesar de ser uma conquista, contribuiu para o avanço da pecuária na vila, voltada principalmente à produção de leite. Atualmente há um laticínio na vila. Mais recentemente, temos observado agricultores que decidiram dedicar-se à produção de cultivo de frutas para comercialização em cidades vizinhas. Nas vilas, o que predomina é o trabalho assalariado oferecido pela prefeitura municipal

Para os que moram mais próximo à região do lago, a pesca ainda continua sendo uma das principais atividades econômicas desenvolvidas na região.

Muitos dos antigos moradores têm migrado para outras regiões do estado, especialmente para os municípios de Parauapebas, Canaã dos Carajás, Xinguara e Tucumã em virtude de empregos assalariados promovidos pela presença de firmas de mineração como a Companhia Vale do Rio Doce. Esses trabalhos têm atraído principalmente os mais jovens.

A partir das pesquisas socioeducacionais realizadas na comunidade Vila Janari, em especial a partir de 2016, identificamos a presença de instituições que desenvolvem projetos que são muito importantes para a Vila. Através de entrevista com a enfermeira do Posto de Saúde (entrevistada KS), identificamos que são desenvolvidas diversas práticas educativas não escolares na comunidade. Na estrutura do Posto de Saúde, temos um prédio anexo com três salas que foi ampliado com mais quatro salas, onde funcionam: consultório de médico, consultório da enfermeira, farmácia, consultório do odontólogo, a sala de curativo, sala de vacina, teste do pezinho, banheiro para ao público e a sala para guarda de materiais

para descarte (resíduo infectado). Infelizmente, não tem nem um tipo de local onde os funcionários possam fazer lanche ou refeição.

Figura 2: Posto de Saúde da Vila Janari (à esquerda área da frente do posto, à direita área interna do posto de saúde)



Fonte: Arquivo pessoal segundo tempo Comunidade, 2016.

A equipe de saúde é composta por uma enfermeira, em 2016 havia a presença de um médico cubano do programa Mais Médico, um técnico de enfermagem, duas auxiliares administrativas, um odontólogo, um auxiliar de limpeza na equipe, dois agentes comunitários de saúde que dão suporte. A equipe do Posto de Saúde da Vila Janari vem contribuindo com a comunidade com projetos de conscientização de doenças, fazendo palestras na comunidade, campanhas de vacinação, projetos contra o câncer de mama, academia da saúde, dentre outros.

O programa academia da saúde é disponibilizado para as pessoas da comunidade dependendo do que o profissional elencar ou achar necessário ele vai trabalhar dentro daquela comunidade, ele pode trabalhar com um grupo específico ou em grupo em aberto, no caso, a unidade contempla um grupo em aberto que trabalha fora do horário do atendimento da unidade, no caso todos os dias de terça a sexta de seis às dezenove horas (6:0h a 19:0h). Dispõe ainda de acompanhamento de uma estudante de educação física que contribui no acompanhamento das atividades que visam beneficiar as pessoas da comunidade.

Como vimos, as programações realizadas pela equipe de saúde são de extrema importância para a comunidade da Vila Janari, e tem apresentado muitos resultados positivos, contribuindo com o bem estar da comunidade. A academia da

Saúde, um projeto que vem ajudando tanto no estado físico dos pacientes quanto no psicológico, onde aqui temos vários casos de pessoas que sofrem com depressão, e a partir de sua participação e interação no grupo já teve uma grande melhoria de vida. Segundo o que a comunidade relata é que estar tendo uma melhoria, onde a enfermeira relata que há diminuição de consultas por questões rotineiras do hábito de viver das pessoas, então isso diminui muito a ida do paciente na atenção básica, e tem melhorado a interação no grupo e da própria comunidade.

2.2 MEMÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA VILA JANARI

As narrativas dos pioneiros da comunidade, abordam também sobre as primeiras experiências da escola na Vila.

A primeira aula foi dada aqui, registrada a escola, antes teve assim, um ensinado numa casa e outro ensinado noutra, mas o início das aulas aqui foi no dia dois de fevereiro de noventa (02/02/90), a minha mulher, que foi fazer o teste, em Tucuruí, essa escola veio por Tucuruí, ele foi fazer o teste e passou, e foi ensinar aí nas casinhas cobertas com paia de bacaba verde, a primeira professora das criancinhas tudinho aqui, vinte e cinco anos de profissão, vinte e cinco ano de prefeitura sem sair um dia né. (OTACILIO BARROS ABREU, primeiro morador, ENTREVISTA cedida em 17/03/2015).

Fica evidente o protagonismo dos trabalhadores na construção das primeiras experiências escolares. Foram os camponeses que se reuniram e construíram a primeira estrutura da escola, uma escola de pau- a-pique (figura 2). As condições para o funcionamento da escola eram bem precárias como demonstra o relato do senhor Otacílio (2015) abaixo:

Aqui, quando começou isso aí não tinha energia não, pra ela fazer trabalhar de noite, os planos de aula, nos comprava querosene, porque o óleo tem muita fumaça né, comprava querosene botava na lamparina, nos morando lá na outra terra lá (OTACILIO ABREU, ENTREVISTA cedida em 17/03/2015).

Nossa pesquisa se relaciona com os achados de Santos (2013) ao destacar que as atividades da escola iniciaram em 1990, com uma turma multisseriada, na casa do Senhor Antônio da Costa, popularmente conhecido como “Musica”, tendo como primeira professora Maria Rosilene Américo da Silva. Em maio do mesmo ano, o Sr. Zezito Vitório Barbosa, conhecido como “Baiano” fez no quintal de sua casa, um barraco para funcionar como escola.

Nós fomos começar, tinha do Muzica uma casinha, lá em cima feita de barro, coberto de cavaco com paia de bacaba, né! (apontando em direção a casa). Aí, se ajuntava os pais, ajuntava e fazia uma casinha coberta de cavaco pra ir dando aula. Aí foi indo, foi indo, ai uma vereadora de Tucuruí se interessou por aqui, ai veio e levantou aquela! (perguntando se eu ainda conhecia a escolinha que foi desmanchada pra fazer essa outra?) - Eu acho que não. Pois foi, ela veio de lá, fez um pouco do, posto médico, era só uma sala que era mais difícil, levantada de tijolo e coberta de teia. Mas não tinha sala, só era uma, tipo um galpãozinho, mas era todo mundo junto, era multisseriado na época, era tudo misturado, tudinho, mas porque só tinha uma professora mesmo, era de primeira a quarta série. (OTACILIO BARROS ABREU, primeiro morador, ENTREVISTA cedida em 17/03/2015).

Figura 3. Escola Nossa Senhora das Dores. Primeira Escola de pau a pique.



Fonte: Segundo tempo comunidade (TC) 2016 - Arquivo pessoal da moradora Maria Rosilene da Silva Abreu.

Diante desse cenário de luta, os moradores conseguiram uma escola com melhor infraestrutura (figura 3) e com professores contratados pela prefeitura local

para ensinar seus filhos, sendo denominada Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental (E.M.E.I.F) Nossa Senhora das Dores. Como descreveu Santos (2013, p. 38)

No ano seguinte [1991], a escola já contava com duas turmas, em dois períodos. Em 1992, por intermédio da então vereadora Judite e do Sr. Baiano, foi construída uma sala de aula em alvenaria, continuando a funcionar nos dois turnos.

Figura 4. Primeira estrutura da Escola Nossa Senhora das Dores, em 1992.



Fonte: Segundo tempo comunidade (TC) 2016 - Arquivo pessoal da moradora Maria Rosilene da Silva Abreu.

Recorremos ao estudo de Santos (2013) para compreender melhor a atual dependência administrativa da escola, que se encontra vinculada ao município de Goianésia.

Em 1993 houve o desmembramento do setor que deixou de fazer parte do município de Tucuruí, passando a fazer parte do município de Breu Branco. As atividades desenvolvidas pela escola passaram a ser responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação deste município. Ainda no mesmo ano, foi anunciado que a região em questão passaria a pertencer ao Município de Goianésia do Pará, criado no mesmo ano do município de Breu Branco. Dessa forma, no ano seguinte a escola passou a ser responsabilidade do novo município (Trabalho Acadêmico de Conclusão de curso, IVANILSON VIEIRA DOS SANTOS, 2013)..

Após um longo processo de luta e reivindicação para a oferta dos anos iniciais e anos finais do ensino fundamental, bem como, a oferta do ensino médio e educação infantil na própria comunidade, atualmente, há duas escolas na vila

Janari: Escola E.M.E.I.F. Nossa Senhora das Dores (figura 5) que oferta aos alunos da comunidade e região a educação infantil, o ensino de 1ª ao 9º ano no períodos manhã e tarde; e a Escola Estadual de Ensino Médio Professor Gilvan da Costa Caldas Nunes (figura 6) de ensino Médio modular no período da tarde, e no período da noite há oferta da EJA, na qual se destaca a turma oriunda do Projovem Campo Saberes da Terra, atualmente denominada Eja Médio Campo. Ainda permanecem inúmeros desafios como a questão do transporte escolar

Figura 5. Construção da Escola Nossa Senhora das Dores em alvenaria



Fonte: Segundo tempo comunidade (TC) 2016 - Arquivo pessoal da moradora Maria Rosilene da Silva Abreu.

Figura 6: Colégio Estadual de Ensino Médio Professor Gilvan da Costa Caldas Nunes (à esquerda área lateral da escola, á direita frente da escola)



Fonte: Arquivo pessoal segundo tempo Comunidade, 2016.

Nas escolas da Vila Janari são realizadas uma diversidade de práticas pedagógicas que contribuem na formação da infância, jovens e adultos da comunidade, o que reafirma sua importância para a vida e fortalecimento desse espaço social.

Como o foco desta pesquisa é a turma de EJA voltada às populações do campo, trataremos mais especificamente dessa experiência na próxima seção.

3. EDUCAÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES A PARTIR DO PROJovem CAMPO SABERES DA TERRA E EJA MÉDIO CAMPO NA VILA JANARI

Neste tópico buscamos analisar a experiência pedagógica do Projovem Campo / EJA Médio Campo na Vila Janari, considerando possíveis contribuições ou não para a valorização do trabalho na agricultura familiar.

3.1 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DO CURSO EJA MÉDIO CAMPO NA VILA JANARI

O Projovem Campo Saberes da Terra, com foco nos anos finais do ensino fundamental na modalidade EJA, foi ofertado a partir de 2012, em duas vilas no município de Goianésia do Pará, sendo na Vila Janari e Vila Aparecida, que são distritos do município. Este programa tem duração de dois anos. E a partir do ano 2015, estas turmas passaram a ser atendidas com oferta do Ensino Médio na modalidade EJA Médio Campo, também de duração de até dois anos, voltado a atender jovens e adultos do campo que já haviam finalizado o ensino fundamental via Projovem Campo Saberes da Terra. Na Vila Janari, a turma EJA Médio Campo teve início no ano de 2015 e foi finalizada no ano de 2017.

Com o intuito de apreender os sentidos que o Projovem Campo Saberes da Terra assumiu na Vila Janari e suas contribuições para a constituição da EJA Médio Campo, apresentamos neste tópico elementos de entrevistas realizadas com estudantes, professores e coordenação do curso.

No trecho abaixo, a professora coordenadora retoma objetivos do programa, organização curricular, dentre outras informações:

O programa Saberes da Terra é um programa federal, tem a duração de dois anos e atende uma demanda de ensino fundamental. É para alunos camponeses filhos de agricultores ou agricultores, de 18 a 29 anos.

[...] ele tem uma proposta pedagógica voltada para os sujeitos do campo, na educação do campo, ele possui na sua grade curricular as disciplinas da base comum, porém em área de conhecimentos. As áreas de conhecimento ela tem a Matemática, e ciências da natureza, língua portuguesa que são as linguagem e suas tecnologias, ciências humanas e ainda vem com uma disciplina a

mais que é a disciplina das agrárias, ciências agrárias né, que pode ser trabalhado por um técnico ou um engenheiro agrônomo.

O aluno é contemplado com uma bolsa de estudo, durante os dois anos”. (Coordenadora do Curso – EL. Entrevista concedida aos 16/01/2020)

Com base em diálogos com a coordenação pedagógica do Programa em Goianésia, o desenvolvimento pedagógico para estas turmas funcionava no Saberes da Terra da seguinte maneira:

Com participação e formações pedagógicas mensais, sendo que a cada quinzena era feito um encontro pedagógico, o qual tinha o objetivo de propor e organizar projetos para serem desenvolvidos naquela quinzena seguinte (Coordenação Pedagógica, entrevista concedida em Dez/2019).

A coordenadora acrescenta que, para este planejamento era embasado na base comum, com metodologias que pudessem atender de forma interdisciplinar, com foco nos saberes da terra.

Sobre o desenvolvimento pedagógico, o nosso trabalho funcionava no saberes da terra da seguinte maneira: nós participávamos de formações, a cada mês. E a cada quinze dias nos fazíamos encontro pedagógico, nesse encontro nós organizávamos os projetos que iriam ser desenvolvido as aulas de campo, o planejamento todo daquela quinzena ou do mês era organizado, Os conteúdos nós tínhamos a disciplina da base comum, e fazíamos um trabalho integrado, ou seja as duas comunidade atendida pelo projeto saberes da terra de maneira que as disciplina estivesse dialogando uma com as outras, a matemática estando no projeto agrário, no projeto do professor de agrárias estivesse presente ali, as ciências humanas, com linguagem e suas tecnologias, todas também fazendo parte do projeto, ou seja e ali se observava que os alunos tinham uma vida, uma vida no campo é que essa vida é esse trabalho no campo ele fazia uma relação com o que era trabalhados nos conteúdos da base comum, eles dialogavam com o cotidiano dos alunos [...] (Coordenadora do Curso – EL. Entrevista concedida aos 16/01/2020).

A coordenadora pedagógica exemplifica que a disciplina de matemática estava interligada aos projetos agrários, que já contemplavam as ciências humanas, com linguagem e suas tecnologias, sabendo que os alunos tinham uma vida no campo, então para facilitar a compreensão da aprendizagem era interligado a sua realidade.

A equipe pedagógica do programa é integrada por seis profissionais, sendo 1 coordenadora, 4 professores (um para cada área do conhecimento) e 1 auxiliar cuidadora como explica a coordenadora local do Programa:

O corpo administrativo [pedagógico] é formado por coordenador, pessoal de apoio, os professores, o administrativo que eu digo é coordenação é pessoal de apoio né (Coordenadora do Curso – EL. Entrevista concedida aos 16/01/2020).

No quadro a seguir segue a organização do corpo pedagógico inserido na pesquisa. Sendo que, envolveu apenas dois professores e a coordenadora local do curso:

Quadro 1: Caracterização dos professores inseridos na pesquisa quanto a idade, sexo, naturalidade e ocupação

Identificação (pseudônimo)	Idade	Sexo	Naturalidade	Ocupação
Profa. EL (Coordenadora)	55 Anos	Feminino	PA	Coordenadora do Curso
Profa. ED	27 anos	Feminino	PA	Professora
Prof. IP	35 anos	Masculino	PA	Professor

Fonte: Pesquisa de campo, dez. 2019 a jan. 2020

Conforme explicado pela coordenadora do curso, no funcionamento deste projeto, um dos quesitos para atuar como professor era, prioritariamente, morar na comunidade, isto é, morar em área de campo, sabendo que o intuito deste projeto era para atender dentro do campo. Além disso, era necessário ser licenciado de acordo com a área de conhecimento que iria atuar.

A mesma equipe pedagógica atendia as turmas na Vila Janari e Vila Aparecida, sendo o fator da distância um dos desafios iniciais, como pode ser observado no relato do professor ao se referir às distâncias percorridas:

Eu tenho que fazer um percurso atualmente de 100 km, eu faço uma extensão de 100 km de onde eu moro, para a comunidade pra me trabalhar, porque dentro do âmbito da educação do campo esses desafios são muito fortes na vida profissional de qualquer educador. O educador do campo ele precisa, ele obedece uma situação de que

a educação do campo sempre prega muito essa da gente ir até o educando, (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Vimos que os professores inseridos na pesquisa reconhecem a identidade dos sujeitos com quem trabalham. Ao serem interrogados sobre “Quem são os estudantes da turma Eja Campo?”, os definem como “produtores rurais”, “trabalhadores” como expressam os relatos abaixo:

Alguns são produtores rurais. (Professora – ED. questionário concedido aos 12/12/2019)

Os estudantes da EJA que a gente trabalha, são trabalhadores, são jovens que trabalham, pais de família que trabalha na roça, é funcionário de prefeitura, é motorista de ônibus, é dono de ônibus, são donas de casa que tem que cuidar dos seus filhos no dia-a-dia, que tem que fazer comida em casa, são mulheres também que trabalham, são autônomo tem seu próprio negócio, então o nosso público é isso, ele é diversificado esse é o nosso público de aluno. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Apesar desse esforço de reconhecimento de especificidades da turma de estudantes enquanto estudantes trabalhadores do campo, os professores acrescentam que são fortes as influências que buscam sua negação, uma vez que há uma supervalorização do urbano, como explica o professor IP ao falar sobre as características dos seus estudantes.

As características dos meus alunos, são alunos que devido ter passado por uma formação anterior, pelo fundamental menor, é com uma educação que é muito voltada a educação do campo, eles tem um pouco de mente urbanizada, isso é culpa da escola, não só da escola mais isso é culpa também da mídia, a mídia tem suas influências muito forte, então é como se o aluno fosse da roça, mais ao mesmo tempo ele não tivesse na roça, estivesse morando na rua, ou seja o aluno mora na roça mais com a mente urbana entendeu, então os nossos alunos hoje tanto de Janari, quanto de Vila Aparecida tem uma mente um pouco urbanizada, isso é até preocupante é a escola tem uma grande culpa junto com a mídia como eu falei, mais a gente quanto educação do campo tá procurando sempre trabalhar para o aluno ter um outro olhar, para que sua características, o seu perfil possa mudar mais nesses aspectos né, no futuro. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020).

Os professores também explicam algumas estratégias que utilizam para conhecer os estudantes, sendo orientadas na lógica do diálogo e relação respeitosa.

Como eu já tenho bastante experiência com a Educação do campo, EJA, eu procuro considerar é o seguinte cada situação específica deles. As mulheres são casadas, a maioria. Os homens casados, as mulheres tem que cuidar de casa tem cuidar de menino, os homem tem que ir pra roça trabalhar, tem que cuidar do gado, às vezes ele é comerciante no dia-a-dia é estressado mexendo com comércio, as vez é motorista de ônibus, é dono de uma empresa de ônibus que nem o Marcos, então eu considero que não é fácil dele chegar na sala de aula é esta um mil é maravilha de alegria não, as vez ele vem com aquela sobrecarga do dia-a-dia, sobre os ombro dele, então eu procuro ver isso, procuro sempre chegar com carinho com eles, procuro conversar especificamente com eles, na hora de trabalhar atividade sentar especificamente com eles, pra me sempre me relacionar melhor com eles, ser além de um professor educador ser um amigo também, eu procuro ter muito afeto com eles, eu vou na casa deles almoço com eles, brinco procuro conhecer os outros familiares deles, procuro conhecer os amigos deles, então eu vejo que isso foi muito melhor na sala, é muito normal eu ver aluno meu chegar na sala cabisbaixo é eu me comporto de tal forma com ele, que depois eu vejo que fica até mais alegre, então é assim que eu procuro me relacionar com meus alunos e conhecer melhor eles eu procuro sempre dessa forma" (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Os professores descrevem um pouco a rotina do seu trabalho em sala de aula em que destacam uma diversidade de atividades que são realizadas ora no tempo escola, ora no tempo comunidade como visitas, pesquisas, dentre outras.

Através de visitas práticas em alguns terrenos na comunidade, assim como exercícios na sala de aula e com pesquisas". (Professora – ED. Questionário concedido aos 12/12/2019)

Trabalho com os alunos de forma didática, os conteúdos da grade curricular, onde divido o tempo escola e tempo comunidade, visando buscar troca de experiência na teoria e na prática. Trabalho com diálogo, vídeos aulas, apostilas, atividades em sala". (Professora – ED. Questionário concedido aos 12/12/2019)

As minhas vivências diárias quanto profissional na educação do campo são grandes. [...] A gente quebra muito esse paradigma de quatro paredes, que a aula é só na sala, a gente vai até o campo

onde eles trabalham, desenvolve trabalho, desenvolve pesquisas, a rotina é essa (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

As figuras 7, 8 e 9 expressam essa diversidade de atividades realizadas.

Figura 7: alunos em sala de aula



Fonte: David, (professor do Saberes da Terra) alunos em sala.

Figura 8: alunos em atividades de campo



Fonte: David (Professor do Saberes da Terra), alunos em campo.

Figura 9: Alunos visitando a casa de farinha, de um dos estudante



Fonte: David, professor do Saberes da Terra, 2016

Ao relatarem atividades pedagógicas realizadas com as turmas, apresentam reflexões sobre princípios que norteiam o currículo do curso como a valorização do conhecimento produzido pelos estudantes fora da sala de aula:

As atividades de ensino que eu desenvolvo são assim, porque tem um autor chamado Salomão que ele fala do currículo, do currículo integrado. Ele diz que o currículo ele não deve ser construído para o sujeito do campo, é sim deve ser construído com eles. Porque eu diga assim, a gente tem que desenvolver as nossas atividades obedecendo um currículo específico, ou seja, o sujeito do campo. Eles têm os conhecimentos deles, eles são ricos em conhecimentos eles têm conhecimentos riquíssimos em matemática, em geografia, a história de vida deles, a história de como eles chegaram nas suas comunidades, tudo isso faz parte de uma história impregnada nos livros didático hoje, toda essa geografia, toda a questão antropológica, questão filosófica, questão sociológica, a física, a química, a língua portuguesa, a linguagem específica, que entra aquela questão do preconceito linguístico, que tem um livro que fala sobre isso, as áreas de conhecimentos elas são altamente impregnada no cotidiano deles. Então não tem porque eu levar diretamente um conhecimento a eles, desrespeitando o que eles têm. O que a gente faz é, todos os educadores do campo precisam fazer, eu observo e faço pesquisas, eu vejo os conhecimentos o que eles tem, o que eles mechem, e a partir do que eles fazem eu trabalho muitas atividades respeitando esses conhecimentos que eles tem, e aí eles se sentem melhor, se sentem mais à vontade você trabalhando a partir de algo que eles já conhecem, eles até entendem melhor os conteúdos trabalhado com eles. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020).

Nesse sentido, explicam que há um currículo norteador das atividades pedagógicas, destacando a perspectiva do currículo integrado.

Sim quanto o currículo norteador a gente [...] procura dentro da educação do campo não trabalhar de forma aleatória, tem algo que nortear o nosso trabalho a um currículo integrado, se reuni a cada 15 dias, e gente se organiza existe um planejamento esse planejamento a matemática a língua portuguesa que é a código é linguagem, a história, geografia que é a Ciências humanas, as ciências naturais que é a química, física, biologia em fim, tem esse planejamento se organiza de forma que essas área de conhecimento elas não trabalha completamente desconecto uma das outras, ou seja elas andam juntas, eu estou trabalhando algo de matemática com meus alunos que dialoga com a ciências agrarias que a outra professora trabalha na horta no campo, essa minha matemática busca trabalhar a parte que ela trabalha também, a partir que ciências humana trabalha, a um diálogo, então a gente trabalha dentro de um currículo integrado. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Junto aos professores atuantes no Programa, buscamos compreender se conseguiam fazer relação entre o trabalho dos sujeitos do campo e a organização das atividades curriculares da escola. Os professores concordam que é possível e novamente destacam o papel da escola na relação democrática com a comunidade na valorização dos conhecimentos dos sujeitos do campo a partir da aprendizagem dos discentes. Destacam ainda que essas características estão presentes no curso de EJA inspirado no Projovem Campo Saberes da Terra.

É possível sim através do currículo escolar, ou seja através da influência da escola é muito possível sim, por exemplo é só a escola valorizar os saberes dos sujeitos do campo, como é que a escola valoriza os saberes dos sujeitos do campo? – É ela desenvolvendo um projeto político pedagógico com a escola e toda a comunidade, com os representantes de comunidade, com todos é um projeto político pedagógico construído com todos, se a escola fazer isso mobilizar isso ela vai respeitar os saberes particulares do sujeito do campo, ela vai desenvolver um trabalho que respeita cada conhecimento dos sujeitos do campo, então os alunos do campo eles vai se sentir mais prazeroso, eles vão ver que os conhecimentos vão ser trabalhado a partir do que eles usam no dia-a-dia, então esse é o grande segredo, é a escola trabalhar um currículo que respeite as particularidade dos sujeitos do campo. Os alunos eles comumente gostam muito das aulas, no sentido de quebrar os paradigmas, a gente sai muito a gente faz aula de campo, a gente faz visitas, em diversos locais, eles gostam muito, e além a gente procura sempre trabalhar a partir dos conhecimentos deles, que eles exerce, eu trabalho a matemática, a partir do espaçamento lá que eles plantam que eles colhe, então eles gostam muito, eles acham muito prazeroso nisso entendeu, então isso é quebra de paradigmas, partir do ponto de que aula não é só entre quatro paredes. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Buscamos ainda compreender as principais dificuldades e desafios enfrentados pelos professores na realização do seu dia-a-dia de trabalho. Nesse sentido, ficou evidente dificuldades ligadas ao acesso devido às precárias condições das estradas e pontes, em especial no período chuvoso; ausência ou suporte precário das instituições públicas - o que deve ser compreendido como uma consequência do precário investimento nessas instituições, o que contribui para as precárias condições de trabalho docente; distorção idade-série que não pode ser compreendida como culpa do estudante mas como reflexo da negação do direito à educação.

As principais dificuldade que eu encontro no meu dia-a-dia de trabalho, e acesso às vezes não dar para chegar até o trabalho, principalmente no inverno a estrada corta, essas dificuldade elas são presentes no inverno, mas a gente até que acostumou com ela. Também no dia-a-dia de trabalho a questão de suporte das instituições superiores a gente sabe que é uma questão social mesmo, todas as instituições públicas né, não contribui muito na questão didática, mas aí a gente aprende a se virar de outras formas para fazer um bom trabalho. Então as principais dificuldades são essas, normalmente você tem que comprar pegar do seu bolso, você tem que comprar praticamente tudo do seu bolso pra fazer um bom trabalho, se não você não faz, com exceção você não consegue fazer um bom trabalho, às vezes não dá para você ir de carro, às vezes precisa alugar uma moto pra ir essas são as dificuldade que existe mas quem já acostumou com ela. Um dos grandes desafio que eu encontro no trabalho no dia-a-dia, um deles é a distorção idade série, existe aluno na EJA que eles são equipe, você não fala mais que uma vez pra ele, ele pega tudo, existe aquele que tem dificuldade de leitura ainda, não sabe ler direito é aí você tem que ter uma manobra muito grande para conseguir equilibrar esse trabalho junto com ele, então a dificuldade é muito grande, aí a gente tem que trabalhar através de bons planejamentos, para atingir todos eles entendeu, lógico que você não vai a perfeição, porque são tantas as dificuldades mais você consegue fazer um bom trabalho, com essa distorção, a distorção de idade série, choque cultural enfim uma dificuldade muito grande com eles, para fazer um trabalho assim com ele. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020).

Dentre as estratégias que os professores utilizam para lidar com as dificuldades e desafios, destacam-se: acompanhamento individual e diálogo.

Então para superar os desafios com eles, no meu trabalho do meu dia-a-dia eu procuro sempre aqueles alunos que têm mais dificuldade, às vezes até de leitura, eu procuro sentar com ele, é às vezes passo questões, mais simples entendeu para ele ir fazendo, sento com ele, para ele entender melhor, eu nunca procuro fazer no geral, porque no geral tem uns que pega bacana, mais aquele que tem muita dificuldade não vai pegar, aí eu sento particularmente com eles, é uma maneira de superar essas dificuldades, é também a maioria são muito desanimado que desistir, desanimar, então eu procuro sempre está indo na casa dele, sentar com eles, bater papo para reanimar sempre. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Vimos que há uma boa relação entre os professores e estudantes pautada na, afetividade e respeito.

A relação professor aluno eu vejo o seguinte, o professor ele precisa ter em mente principalmente dentro da Educação do campo, precisa

ter em mente toda essa flexibilidade do sujeito do campo, que no dia-a-dia dele comumente é árduo não é fácil, então o professor ele jamais pode se comportar como professor ditador, como professor autoritário ele tem que se comportar como um professor amigo. Eu pude perceber ao longo da minha experiência, que o professor ele sendo amigo do aluno, brincando com o aluno se divertindo com o aluno é possível o aluno respeitar ele com todas essas qualidade, não quer dizer que se eu ficar sério na sala, autoritário, resposta dura no aluno não quer dizer que ele vai me respeitar assim, não pelo contrário ele me respeita melhor sendo amigo dele, ele aprendendo ver o limite de cada coisa, então minha relação professor aluno é eu entendo que deve ser assim, professor ele tem sim que ser um amigo do aluno companheiro, entendendo da história da situação do aluno, para ajudar às vezes até em uma palavra, eu vejo assim relação professor aluno também amizade, afetividade, amor, respeito, carinho, é tudo flui melhor. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020).

Buscamos ainda identificar a visão dos professores sobre como percebem as perspectivas dos estudantes em relação ao trabalho. Os professores citam atividades ligadas a agricultura, como também outras profissões.

No seu ponto de vista quais as perspectivas desses alunos em relação ao trabalho?

_ Crescer através das pesquisas, troca de conhecimentos, ser um grande produtor da agricultura familiar, visando produzir de uma forma agroecológica. Professora – ED. questionário concedido aos 12/12/2019).

_ Então normalmente você faz uma pesquisa oral com os alunos, normalmente as falas deles, é uma fala que ser um médico, um advogado, quer exercer uma função que ela denuncia que ele vai embora do campo, ou seja vai morar na cidade, a escola tem uma grande culpa a isso aí, porque ela não se atentou pra isso antes, então isso é até preocupante entendeu, [...] isso está mudando aos poucos. Hoje você já vê muitos alunos dizendo que vai fazer agronomia, vai fazer alguma formação de modo que ele permaneça no campo, invista no campo e tenha seu próprio sustento morando no campo. (Professor – IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Segundo informações da equipe pedagógica, a turma EJA funcionava no período noturno, na sede da Escola Gilvan Caldas Nunes, se dava através de aulas presenciais, com participação do aluno, aula dirigida e dialogada, expositiva com atividades variadas entre elas jogos e brincadeiras referentes ao assunto em estudo. Uma turma multisseriado composta com 25 alunos, sendo distribuídas em duas turmas, cada turma com 12 estudantes.

Apenas essas duas turmas eram atendidas na escola no período noturno, se dava início às 19h30min e término às 22h30min. Além dos professores, as turmas contavam com o apoio de 1 vigia, 1 zeladora e 1 profissional de apoio pedagógico contratado pelo programa Saberes da Terra para dar apoio na Secretaria e auxiliar no cuidado das crianças, filhos dos estudantes. Com o objetivo de cuidar das crianças enquanto as mães estudam.

Profa. EL: Um outro diferencial é que o projeto ele traz um acolhedor, o acolhedor é aquele que cuida das crianças enquanto as mães estudam que geralmente as meninas quando ela tem filhos abandona as escolas, então o índice de evasão é muito alto em decorrência disso o saberes da terra ele veio com essa inovação, um acolhedor que cuida das crianças enquanto as mães estudava no próprio espaço escolar”. (Coordenadora – EL. Entrevista concedida aos 16/01/2020)

Era muito comum as mulheres com filhos pequenos abandonarem a escola, por não ter com quem deixá-los no horário da aula, com isso o índice de evasão escolar crescia bastante. Em decorrência disso, o intuito do projeto Saberes da Terra era amenizar este abandono escolar. Essa foi uma importante estratégia para apoiar a permanência de estudantes mães.

Sobre a organização do trabalho pedagógico estava estruturado no planejamento coletivo; definição de um projeto agroecológico integrador de todas as áreas de conhecimento; realização de aulas por área do conhecimento; realização de aulas de campo onde se privilegia atividades de pesquisa e atividades técnicas; realização de visitas pedagógicas (Tempo Comunidade) e a cada dois meses realizava, uma culminância dos trabalhos envolvendo a comunidade local.

Profa EL: “Sobre a dinâmica do trabalho pedagógico se dava assim, no período que o professor estava em uma comunidade desenvolvia o trabalho dele ali, terminando ali, antes que ele fosse para outra comunidade era feito uma culminância dos trabalhos, a culminância dos projetos, como projeto pedagógico para a culminância.

O projeto agroecológico, ele vinculava todas as áreas de conhecimento, então os conteúdos eles era voltados em sua maioria para o projeto agroecológico, é ele relacionava por exemplo aqui, na comunidade de Goianésia, aqui é agricultura é levava assim em consideração agricultura familiar que era desenvolvida nas comunidades onde era ofertado o curso.

As aulas de campo envolvia toda a equipe, toda a equipe participava das aulas de campo de maneira que nesse dia de campo era feito

pesquisas, outras era aula de campo mesmo, planejadas já organizada no planejamento, é planejada por cada professor,

então no planejamento já se discutia qual seria a aula de campo que seria desenvolvida naquele período, no próximo período que era o que estava discutido no planejamento. Saindo dos planejamento nós íamos para as aulas, cada professor já sabia o que seria trabalhado, quais as visitas de campo, as visitas pedagógicas, as aulas de campo, chegamos a levar alunos para uma cooperativa mista de Tomé-Açu, levamos alunos para visitar as farinheiras das comunidades, das duas comunidade, que nas duas comunidade nós temos projetos agrícolas, plantação de melancia, projeto da agricultura familiar, todos os espaços nós organizava visitas”. (Coordenadora do Curso – EL. Entrevista concedida aos 16/01/2020)

3.2 EXPERIÊNCIA DO PROJOVEM CAMPO E EJA MÉDIO CAMPO: COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA EJA MÉDIO CAMPO

A partir do relato dos estudantes sobre o curso EJA Campo, vê-se que os mesmos identificam características específicas de sua organização: a atuação dos professores por área do conhecimento e a realização de atividades integradoras. Essa organização tem se mostrado capaz de envolver os estudantes no processo.

São 04 professores, tem Ciências da natureza, por que são assim só um professor dá aula para um bocado né tem Português, tem Biologia, química que é tudo em uma matéria só, Matemática; eu acho bem animado tem os projetos os trabalhos que a gente faz tudo (Estudante ES, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019.)

É através de fases, vem dois professores, passa um período, vai para a Vila Aparecida onde funciona outra turma do EJA Campo, temos as disciplinas, Ciências da Natureza, Agrária, Matemática. (Estudantes M, R. Entrevista concedida aos 14/12/2019.)

Outra característica observada pelos estudantes é que essas atividades integradoras estão articuladas com a temática agricultura familiar. Ao perguntar se os projetos realizados no curso eram voltados para a agricultura familiar, os estudantes, além de responder positivamente, destacam a importância destas atividades, em especial devido ao acompanhamento de um profissional da área, no

caso, técnico em agropecuária possibilitando ampliar os conhecimentos sobre agricultura.

Esses projetos são voltados para a agricultura familiar?

É, a maioria é agricultura. Agora nós estamos fazendo o projeto da horta, onde são dividido em grupo, e cada um ficou pra plantar. Esses dias veio um Professor com conhecimento Técnico Agrário, com isso, tivemos a oportunidade de aprender muitas coisas sobre plantação, sobre adubação, são coisas que a gente trabalha é não sabia né. Isso tudo foi o projeto a escola que trouxe pra gente, poder ter essa oportunidade de aprender (Estudante ES, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019).

Vê-se portanto que, a presença de um profissional da área de agrárias na equipe pedagógica do curso trouxe todo um diferencial, visto que viabilizou a realização de atividades pedagógicas que se entrelaçam com a dinâmica da vida e do trabalho dos estudantes do campo. É válido ressaltar que as escolas do campo deveriam ter um profissional na área de agrário, para essa demanda rural, os mesmo contribui para o conhecimentos dos alunos em atividades diárias, e com isso os alunos tiveram a oportunidade de valorização dos seus conhecimentos sobre agricultura e ampliação dos mesmos, pois se possibilita uma relação destes com os conhecimentos escolares.

Dos nove estudantes inseridos diretamente na pesquisa, cinco apresentam-se com ocupação apenas de estudante, já um além de ser estudante é coordenador de trabalho social da vila onde reside, e três desenvolvem trabalhos na agricultura familiar.

No quadro abaixo segue a caracterização por idade, sexo, naturalidade e ocupação dos entrevistados.

Quadro 2: Estudantes que participaram da pesquisa

Identificação (pseudônimo)	Idade	Sexo	Naturalidade	Ocupação
ES	20 anos	Feminino	PA	Estudante
JC	21 anos	Feminino	PA	Estudante
P	22 anos	Feminino	PA	Estudante
M	43 anos	Feminino	PA	Estudante
L	25 anos	Feminino	PA	Agricultora
W	23 anos	Masculino	PA	Produtor rural

IA	32 anos	Masculino	PA	Estudante
R	41 anos	Masculino	MA	Agricultor
E	47 anos	Masculino	MA	Estudante e coordenador de trabalho social

Fonte: Pesquisa de campo, dez. 2019 a jan. 2020

Os estudantes inseridos na amostra da pesquisa se encontram na faixa etária entre 20 a 47 anos, sendo que a maioria (6) se encontra entre 20 a 35 anos e os demais (3) estão acima de 35 anos.

Quanto ao gênero, apesar de a maioria dos estudantes ser do sexo feminino, observamos pouca disparidade entre mulheres e homens, sendo 5 estudantes do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

Relacionando a naturalidade dos entrevistados, a expressiva maioria (7) é do estado do Pará e apenas dois (2) são naturais do estado do Maranhão. Como a região é resultado de intensos processos migratórios, a geração mais nova nascida no estado do Pará é filha de migrantes de outros estados do país.

No que diz respeito à ocupação, os entrevistados se auto identificam como estudantes **ou** agricultores/produtor rural, o que chamam atenção porque na verdade todos eles são agricultores estudantes, ou trabalhadores rurais estudantes. Apesar de os sujeitos estarem inseridos em processos escolares formais, essa conquista ainda é muito recente. Nas narrativas, predomina o imaginário da ruptura entre trabalho no campo e estudo, como se quem trabalhasse no campo não precisasse estudar. Esse imaginário reforça a impossibilidade de unidade entre trabalho no campo e estudo. Para Frigotto e Ciavatta (2012, p. 752) essa visão alinha-se à “concepção capitalista que tem por base a fragmentação do trabalho”, mascarando que “todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos e do exercício mental, intelectual” (SAVIANI, 1989, p. 15 apud FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012, p. 752).

Vários estudos sobre o campesinato têm evidenciado que existe uma organização social do trabalho na unidade familiar que, em geral, é orientada pelos recortes de geração e gênero (NEVES, 2012). Considerando isso, buscamos analisar como os estudantes se auto identificam na questão da ocupação, observando em especial o recorte de gênero.

QUADRO 3: Auto identificação dos estudantes sobre sua ocupação, por sexo

Mulheres	Homens
<p>“Sou doméstica, cuidando da minha filha”. (Estudante ES-f. Entrevista concedida aos 12/12/2019)</p> <p>“<u>Doméstica</u>”. (Estudante M-f. Entrevista concedida aos 12/12/2019)</p> <p>“<u>Doméstica, e faço adesivos artesanais</u>”. (Estudante JC-f. Entrevista concedida aos 12/12/2019)</p> <p>“<u>Sem trabalho fixo, só estudando, antes eu estava sendo voluntária no programa Mais Educação, ai acabou os 08 meses ai fiquei desempregada, agora só no serviço doméstico</u>”. (Estudante P-f. Entrevista concedida aos 14/12/2019)</p> <p>“<u>Trabalho na confecção de adesivos, e no cultivo do pimental, e de hortaliças para o consumo diário</u>”. (Estudante L-f. Entrevista concedida aos 12/12/2019)</p>	<p>“<u>Trabalho só na agricultura</u>”. (Estudante IA-m. Entrevista concedida aos 13/12/2019)</p> <p>“Eu no momento estou assim, <u>trabalhando na gricultura</u>, tenho um sitio com 5 linha de terra aqui na vila, é lá eu tenho alguns pé de pimenta, pés de cacau, ainda não está dando renda porque é só um pouco, já tenho uma parte pra começar a tira as mudas pra expandir, até no momento não conseguir crescer o plantio”. (Estudante R-m. Entrevista concedida aos 14/12/2019)</p> <p>“<u>Produtor Rural</u>”. (Estudante W-m. Entrevista concedida aos 14/12/2019)</p> <p>“Trabalho social” [<i>presidente da direção da associação de agricultores da Vila</i>]. (Estudante E-m. Entrevista concedida aos 15/12/2019)</p>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Observamos que todos os estudantes, do sexo feminino e masculino, têm participação na agricultura, são estudantes trabalhadores rurais, atuam no trabalho com a terra.

No relato das mulheres as categorias mencionadas são: “dona de casa”, “artesã”, “desempregada” e, de forma implícita, agricultora. Quanto à ocupação, a maioria das mulheres se auto identifica como “dona de casa”. A expressão “dona de casa”, “serviço de casa” ou “casa” está presente na narrativa de todas as mulheres entrevistadas. Elas não relacionam de forma explícita a ocupação dona de casa com trabalho.

Observamos ainda que, duas mulheres se auto identificam como artesãs (além de donas de casa), sendo que a atuação de artesã é explicitada como trabalho.

Apesar de uma das mulheres entrevistadas se auto identificar como “desempregada”, chama atenção o complemento “agora [atuo] só no serviço da

casa”. Evidenciando que o “serviço da casa” está sempre presente no cotidiano das mulheres, mesmo quando está trabalhando fora de casa.

Apesar de todas serem trabalhadoras rurais, desempenharem algumas atividades na terra, apenas uma faz menção a essas atividades, utilizando a expressão “às vezes, trabalho com pimental aqui em casa”. Tenho uma horta aqui, mas é só para o dia-a-dia, para o nosso consumo” (Estudante L), reafirmando que sua ocupação é artesã.

Como já evidenciamos, as expressões “dona de casa”, “serviço de casa” ou “casa” estão presentes nas narrativas de todas as mulheres. E estão ausentes nas narrativas dos estudantes do sexo masculino.

A expressão “trabalho” é mencionada duas vezes pelas mulheres. E a expressão “desempregada”, ausência de trabalho, é mencionada uma vez. A expressão “trabalho” está presente na narrativa de todos os estudantes do sexo masculino.

Todos os homens se auto identificam com a ocupação “trabalho na terra”, “trabalho na roça”, “produtor rural” ou mesmo “trabalho social” para se referir a atuação à frente da direção da associação dos moradores organizado da Vila Janari (AMOJAM).

Hoje tenho uma atividade social que é acompanhar os agricultores no sentido de plantio, como na qual estamos no tempo do projeto do Cacau aqui na região trazendo projeto para 25 produtores, pra dar uma melhoramento no dia-a-dia de cada, uma renda na sua propriedade”. (Estudante – Masculino, E. Entrevista concedida aos 15/12/2019)

Ao perguntar se exerciam outras funções dentro da comunidade identificamos quatro grupos de respostas, detalhadas a seguir:

A maioria (5) dos estudantes respondeu que não está inserida em outras funções na comunidade, no momento. Este, constitui portanto, o primeiro grupo de resposta. Nesse grupo, identificamos ainda, aqueles que realizam atividades pontuais fora do seu lote, como diaristas.

Não. (JC - feminino; M- feminino; IA- masculino)

Só meu esposo que é professor, ele também ajuda na despesa da casa, fora meu trabalho dos adesivos (para unha), é também ele trabalha fora no pimental, junto com o pai dele mexendo com gado,

aí ele ajuda meu pai também, é tipo troca de serviço. (Estudante L, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/20019)

A principal fonte de renda destes estudantes provém da sua produção em seus próprios lotes. Às vezes, desenvolve trabalhos fora do lote, como diarista. O que explica o fato de não terem vínculo trabalhista em prefeitura, empresas, ou terceirizados.

Sim, diarista (Estudante W, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

O segundo grupo de resposta refere-se à categoria participação na direção da associação local¹. Identificamos no relato de dois estudantes (E, R), do sexo masculino, a menção de que já atuou ou atua nessa função.

Trabalho social [*presidente da direção da associação de agricultores da Vila*]. (Estudante E, masculino. Entrevista concedida aos 15/12/2019)

No momento não, eu já fui líder de comunidade mas já tem um tempo, no momento eu estou afastado, simplesmente estou só estudando mesmo, cuidando da minha casa do lote. (Estudante R, masculino. Entrevista concedida ao 14/12/2019)

O terceiro grupo de resposta refere-se à participação em mutirões, em especial, “mutirão para arrumar as estradas”, como evidencia o relato da estudante P.

Não. Até porque aqui não tem. O único grupo que a gente junta aqui é só pra arruma as estradas, quando tem algum buraco, aí se junta, tampa e ajeita. Só isso que é ajuda de todo mundo, mas não temos grupos aqui de mulher artesão, nada que envolva isso não tem. (Estudante P, feminino. Entrevista concedida ao 14/12/2019)

É preciso destacar que é louvável a iniciativa das famílias quanto aos mutirões para melhoria nas estradas. No entanto, a necessidade de realização de “mutirão para arrumar as estradas” evidencia ainda ausência ou limites nas políticas públicas voltadas à manutenção e infraestrutura das estradas no assentamento por parte do poder público.

Chama atenção nos relatos, o que podemos caracterizar como um quarto grupo de resposta que trata da ausência de grupos de mulheres, ou melhor, de

¹ Associação do Moradores de Janari

políticas de apoio a atividades ou grupos de mulheres na perspectiva de geração de renda. Esse aspecto foi evidenciado no relato de duas estudantes (P, ES).

Eu estava fazendo uns curso, de fazer pão, estão organizando pra nós abrir uma padaria aqui, para as mulheres trabalharem, isso era um projeto mas agora deu uma empacada. Se abrisse ia empregar umas turmas, esse projeto foi levado para a prefeitura, estamos esperando ser aprovado. (Estudante ES, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

Dentre essas respostas, observamos claramente que as mulheres reivindicam a organização coletiva de grupos para o desenvolvimento de trabalhos de geração de renda como atividades em artesanatos e padarias, bem como, ações de incentivo e apoio a essas iniciativas.

3.3 CONDIÇÕES DE DESLOCAMENTO PARA CHEGAR ATÉ A ESCOLA E CONCILIAÇÃO (OU NÃO) ENTRE TRABALHO E ESTUDO

Os programas Projovem Campo Saberes da Terra e o EJA Médio Campo foram ofertados no local de moradia dos estudantes, o que contribuiu fortemente para a participação dos sujeitos.

Observamos que, a distância que os alunos percorrem para chegar até o espaço escolar, varia entre: 150 m, 500 m, 1000 m, 08 km, 10km e 15km. Do percurso diário de sua casa até a escola, há grupos que utilizam o transporte público escolar, motocicletas e outros a pé, conforme as distâncias citadas, O transporte escolar tem uma determinada rota e horário a ser cumprindo, e o horário do transporte nem sempre coincide com o horário em que o estudante é liberado de seu trabalho. Com essa rota a ser feita dos transporte escolar alguns alunos não conseguem fazer uso diário da mesma, precisa utilizar sua motocicleta e quando é possível, utiliza o ônibus.

Há estudantes que moram em vicinais as quais a rota do ônibus não passa, por isso, precisam utilizar dois transportes. Segue de moto até determinado local, onde passa a rota do ônibus e continua o trajeto no ônibus escolar.

Quadro 4: Distância que percorre entre moradia e escola e forma de deslocamento

Entrevistado(a)	Distância entre moradia e escola	Forma de deslocamento
Estudante ES, feminino	“150 metro”	a pé
Estudante L, feminino	“150 metro”	a pé
Estudante M, feminino.	“150 metro”	a pé
Estudante IA, masculino	“500 metro”	De moto
Estudante E, masculino	“1000 metro”	“Venho de motocicleta para a escola
Estudante P, feminino	“É pra ser 10,30km e meio”	O ônibus escolar passa na frente da minha casa
Estudante W, masculino	“Mais de 10 km por dia de segunda a sexta-feira”.	O ônibus escolar passa na frente da minha casa
Estudante JC, feminino	“15 quilômetros”	De ônibus e às vezes de moto.
Estudante R, masculino	“Vai ser uns 08 km”.	vou de moto e pego o carro [ônibus] na esquina do seu Miguel

Fonte: Pesquisa de campo, dezembro de 2019

No grupo que mora próximo e que faz o deslocamento a pé, identificamos 3 estudantes (ES-f; M-f; L-f):

Eu trabalho até as 17h eu já paro pra fazer a janta para os meninos, arrumar, e às 18:30, ai eu já vou começar arrumar, organizar pra ir para a escola. Como aqui é perto eu saio 18: 50 pra ir para a escola, vou a pé. (Estudante L, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

No segundo grupo identificamos 6 estudantes (JC-f; P-f; E-m; IA-m; R-m; W-m) que carecem de algum transporte para realizar o deslocamento da casa até a escola. Ora utilizam o transporte escolar, ora utilizam moto, ou ainda, há estudantes

que realizam parte do trajeto em veículo pessoal (moto) até chegar na rota onde passa o ônibus. As diferentes situações podem ser observadas nos trechos abaixo:

O ônibus escolar passa na frente da minha casa. (Estudante W, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

De ônibus e às vezes de moto. (Estudante JC, feminino. Questionário concedido aos 12/12/2019)

Então eu moro a uns duzentos metros da estrada, eu vou de moto é pego o carro na esquina do seu Miguel, e mais ou menos uns 600 metros da casa, e vou de ônibus para o colégio”. (Estudante R, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Ao fazer a mesma pergunta para os professores sobre seu deslocamento para chegar até a escola, estes também relatam dificuldades nas condições das estradas conforme estações do ano:

O deslocamento é feito de acordo com cada fase, onde passamos de segunda a sexta na vila Janari, e retornamos para casa no sábado. Dá para conciliar, pois temos moradia alugada na comunidade. (Professora – ED, M. Questionário concedido aos 12/12/2019)

Tem sim tem muitas dificuldade, o carro atola na estrada, o rio transborda sobre a estrada, a gente tem que atravessar na canoa, ajudar as pessoas, as mulheres que às vezes vai viajando só mulheres, a gente tem que ajudar atravessar as malas, é tudo isso acontece (Professor- IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Ao perguntar aos alunos se encontram alguma dificuldade nesse percurso, para chegar até a escola, foi possível identificar que se dão devido a limites nas condições das estradas ou devido problemas no transporte (atraso). A maioria (5) declara não ter dificuldade em chegar até a escola, pois mora próximo ou na Vila.

Quadro 5: Dificuldades ou não no deslocamento até a escola

Dificuldades no deslocamento até à escola	Estudantes que declaram que não enfrentam dificuldades no deslocamento até a escola
--------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------

<p>“Sim, quando chove a estrada fica muito lisa”. (Estudante JC, feminino)</p> <p>“Muitas dificuldades, mas chega, Mais é estrada esburacada, tem vez que o ônibus passa tarde, mais chega”. (Estudante W, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)</p> <p>“A dificuldade que a gente tem, é quando chove o carro atola, quando chove muito mesmo, o igarapé que tem mesmo ali, a água chega dar em cima do joelho, que nem foi o caso da semana passada, o ônibus não passava, a gente chegou lá 21:00 da noite para atravessar, viemos atravessar 23:30 da noite, porque a água não tinha baixado tanto, quando tem algo assim, às vezes a escola libera a gente mais cedo para não ocorrer esses tipos de casos, [...], ou então quando o ônibus quebra, o motorista manda avisar que não tem como ele vim, a gente fica em casa mesmo, às vezes o professor manda pelo zap, ou no outro dia quando vamos para a escola ele manda atividade, conteúdo, explica, graças a Deus são bons professores”. (Estudante P, feminino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)</p> <p>“É o problema é que tem dias que o transporte para chegar até aqui já chega um pouco atrasado né, tem vez que ele chega aqui quase as 19:00hs, quando chega na escola já é 19:15 ou 19:20hs, a dificuldade maior é essa porque chega um pouco atrasado praticamente no meio da aula”. (Estudante R, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)</p>	<p>“Não tenho dificuldade, porque moro próximo a escola”. (Estudante ES, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)</p> <p>“Não tenho dificuldade, porque moro próximo à escola, mas é só a escuridão”. (Estudante L, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)</p> <p>“Não tenho dificuldade, porque moro próximo a escola”. (Estudante M, feminino. Questionário concedido aos 12/12/2019)</p> <p>“Não”. (Estudante E, masculino. Entrevista concedida aos 15/12/2019)</p> <p>“Não tenho dificuldade, nesse percurso”. (Estudante IA, masculino. Questionário concedido aos 13/12/2019)</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Ao querer saber se o estudante precisa se ausentar da escola em algum período do ano, oito estudantes declaram que geralmente não se ausentam pois conseguem conciliar o estudo com seu trabalho. Apenas um estudante relatou que às vezes precisa se ausentar do estudo por conta do trabalho, em especial no período de colheita. O que pode ser evidenciado nos trechos selecionados abaixo:

Não, é muito difícil faltar na escola, quando eu falto é porque eu quero, não por causa do trabalho porque as atividades não são para o ano todo. (Estudante – M, W. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Não a gente trabalha nas correrias do dia-a-dia durante o dia, a onde na realidade venha ter as correrias e a noite a gente tá pronto pra fazer o estudo né, na sala de aula, onde a gente na realidade não atrapalha. (Estudante – M, E. Entrevista concedida aos 15/12/2019)

Às vezes porque, apesar de trabalhar durante o dia e estudar a noite, mas só que lá a distância é muito longe, pra gente poder vir todo dia, Cleiton vim me deixar e espera eu ir, a gente já estando lá acorda cedo pra gente pegar no serviço, ai as vezes quando está no tempo da colheita eu deixo de estudar pra me poder ir colher a pimenta na época da colheita, é só uma vez no ano, e porque tem três no máximo que a gente cata no ano que a gente dar, é porque na primeira a gente vai catando aí vai ficando os cachos mais verde, ai tem deixar pra outra, aí do mesmo jeito até quando acaba. (Estudante – F, L. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

Os estudantes acrescentam que, quando precisam faltar, contam com a compreensão dos professores, que “incentiva a continuar a estudar”, explica o Estudante W-m (Entrevista concedida aos 14/12/2019). “É tem uns professores que são parceiros, porque eles já conhecem nosso dia-a-dia, o que a gente pode fazer, eles entender temos uns professores maravilhosos”, acrescenta a Estudante L-f (Entrevista concedida aos 12/12/2019). Nas narrativas dos estudantes também mencionam aspectos que contribuem o atraso na chegada à escola, como a questão do transporte escolar e o “grande percurso” que realiza até chegar à escola, como explica o estudante R-m:

Eles entenderam porque, como o transporte não é exclusivo a essa escola, ele faz um grande percurso com a escola tia Elenir, então isso acaba dificultando, atraso devido a rota que ele faz. (Estudante R-m. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Chama atenção o fato de que alguns mencionaram, como pode ser observado na narrativa abaixo, que os professores se importam com eles, mas não sentem a mesma relação com a escola. O que pode estar relacionado com o fato de que as turmas de EJA são as únicas com funcionamento no período noturno, portanto, não convivem diretamente com outras turmas de estudantes e nem com os demais professores da escola.

Mais são os professores, que são parceiros, a escola quer que a gente esteja lá porque, para ser um ano é meio, mais esse anos e meio é em sala de aula, eles não estão muito se importando porque

a coordenadora não fica aqui, fica na Vila Aparecida, ai quando tem alguma coisa muito séria que ela vem, mais é os professores Ismael que é responsável por isso, ele que ajuda a gente no que ele pode, ele a professora, se a gente não for eles entendem eles conversa, eles passam depois o conteúdo pra gente, é da tudo certo no final. E as falta é justificada, é às vezes ele não coloca porque sabe o motivo, é olha que nem começou o inverno direito, deixa começar”. (Estudante P - feminino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Ao perguntar aos professores, como a escola lida com a ausência de alguns estudantes em determinada época do ano, em faltar às aulas por causa do trabalho, reafirmam que dão incentivo e apoio, como explica a Professora – ED: “Damos incentivo, apoio e buscamos encontrar soluções para os desafios do dia-a-dia deles” - (Questionário concedido aos 12/12/2019).

Apesar disso, identificam que a turma de EJA Médio Campo possui uma proposta pedagógica voltada às populações do campo, mas a organização da escola ainda não considera essa especificidade em sua organização pedagógica e curricular, como reflete um dos professores:

Olha a escola que a gente trabalha, a Gilvan Caldas né, quanto educação do campo a gente procura trabalhar respeitando essa especificidades deles, dos sujeitos do campo, no meu ponto de vista infelizmente a escola na região de Janari e região da Vila Aparecida, ela não é só o saberes da terra, existe o fundamental maior e menor também por outras instituições, e no meu ponto de vista elas precisaria melhorar e muito, a sua metodologia de trabalho, e melhorar em muito também, o seu currículo entendeu, que fosse mais voltado a educação do campo. Infelizmente no meu ponto de vista eu ainda vejo tanto na região de Janari quanto na região de Vila Aparecida, as escola trabalhar dentro de um projeto político pedagógico, urbanizado entendeu, infelizmente então isso aí precisaria melhorar e muito. (Professor IP. Entrevista concedida aos 27/01/2020)

Ao serem interrogados se conseguem conciliar as atividades de trabalho com o estudo, a maioria dentre os estudantes destaca que sim:

Sim, não atrapalha em nada não. (Estudante – F, ES. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

Sim de boa, até no estudo estamos aprendendo mais coisas voltada a agricultura para melhorar até mesmo aqui em nossas casas, porque tem coisa que a gente fazia aqui com agricultura ou na criação dos porcos que agente não sabia, e estamos tendo as aulas lá, e vai ajudando a desenvolver mais, é trazer mais benefícios para nós. (Estudante – F, P. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Apesar de conseguirem conciliar trabalho e estudo, um dentre os estudantes reconhece a dificuldade em conciliar mas que consegue fazê-lo: “É meio difícil mas eu dou um jeito, antecipo minhas atividades pra dá tempo”. (Estudante – M, W. Entrevista concedida aos 14/12/2019).

Por serem estudantes trabalhadores, é possível afirmar que para conciliar estudo e trabalho precisam mobilizar algumas estratégias.

Sim. Porque muitas das vezes a gente cata no fim de semana, e depende do Aceltom ele paga alguém pra ficar no lugar dele pra pegar o sábado é o domingo livre e pra pegar direto trabalha na terça e na segunda (Estudante L-f. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

Também foram interrogados sobre “Que dificuldades enfrentam? Por quê?”. A maioria afirma não enfrentar dificuldade para frequentar as aulas, apesar de citar questões como cuidado com os filhos, mas que não inviabiliza sua participação. Dentre as principais dificuldades para se manterem estudando, destacam:

Não porque é o que eu gosto de fazer, ai eu não acho dificuldade nem uma, mais é o menino pequeno, porque tem que parar pra fazer almoço cuidar deles, eu praticamente não acho nem uma dificuldade não. (Estudante – F, L. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

Apenas um estudante manifestou dificuldade em frequentar as aulas devido à atuação na organização social local e necessidade de participação em eventos, o que demanda mobilização para angariar recursos para custear as despesas de viagem. “[...] muitas vezes não tenho, você tem que tá se virando pra poder andar, participar dos eventos, andar atrás de recursos para a comunidade, então tudo isso traz um pouco de preocupação financeira” (Estudante E-m. Entrevista concedida aos 15/12/2019).

Ao analisar as questões de deslocamento, relação trabalho e estudo observamos que em geral a organização da proposta pedagógica diferenciada tem contribuído para reduzir dificuldades de não permanência dos estudos nos estudos. a turma apresenta baixo índice de faltas e de evasão. Além disso, o funcionamento da turma na localidade de moradia dos estudantes reduz as dificuldades de deslocamento. Mesmo assim, é preciso destacar que as dificuldades de deslocamento mencionadas, em geral, estão relacionadas às condições de estradas e pontes, além de longas rotas feitas pelo serviço de transporte, o que pode ser indicativo de que a frota ainda é insuficiente.

3.4 TRABALHO NO CAMPO

Buscamos identificar quais atividades eram desenvolvidas pelos estudantes entrevistados nos lotes. Para facilitar a visualização, organizamos as atividades citadas pelos estudantes no quadro 4 no qual buscamos valorizar os sistemas extrativismo, cultivo, criação, detalhando ainda práticas de beneficiamento realizadas e destinação da produção, dentre outros serviços realizados pelos entrevistados.

Quadro 4: Principais atividades produtivas realizadas no lote (Sistema policultivo-pecuária)

Estudante	Extrativ	Cultivo	Criação	Benefic	Consumo	Comercialização	Outros Serviços
ES-f		cacau (+1000 pés) pimenta do reino		(dona de casa)	x	x	
M-f		Feijão Mandioca Hortaliça		(dona de casa)			
JC-f				(dona de casa)			artesanato *adesivo para unha
P-f			porcos carneiros galinha	(dona de casa)	x	x	
L - f		Pimental Horta Mandioca/farinha		(dona de casa) Produção farinha	x	x	artesanato *adesivo para unha
IA-m		Cultivos anuais					
R - m		Pimenta Cacau					Diárias (operador de motosserra, carvoeiro)
W - m		Abóbora, melancia, quiabo, milho	Gado		x	x	Diárias
E - m		Macaxeira	Gado	Produção	x	x	Associação

				de farinha			o
--	--	--	--	------------	--	--	---

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Após o preenchimento do quadro identificamos limites no levantamento dessas informações, no entanto, já não havia possibilidade de realização de outras visitas nos lotes (devido contexto da Pandemia de Covid-19). De modo, que reconhecemos que essas informações ainda são iniciais. Assim, não são mencionadas atividades ligadas ao sistema extrativismo.

Buscamos compreender o trabalho no campo a partir das atividades realizadas pelos entrevistados em seus respectivos lotes. A análise das narrativas, bem como, das observações realizadas in loco contribui para identificarmos a categoria do “trabalho invisível”, pois, há um conjunto de atividades realizadas que não são mencionadas nas narrativas. Logo, há uma tendência de se destacar apenas as atividades/produtos que são comercializados. É válido ressaltar que nas falas dos entrevistados pouco são mencionadas as atividades desenvolvidas na produção dita como fundo de quintal, ou aquelas que visam somente o consumo diário. Por isso, em especial na narrativa das mulheres, se auto identificam como “dona de casa” sem a preocupação de detalhar no que consiste essa atuação no dia-a-dia tanto na casa como no lote.

Quadro 5: Narrativas sobre atividades realizadas pelos estudantes no sistema produtivo

_ Trabalho com Hortaliça. (Estudante M, feminino . Questionário concedido aos 12/12/2019)

_ Eu no momento estou assim, trabalho mesmo na terra, tenho um sitio com 5 linha de terra aqui na vila, é lá eu tenho alguns pé de pimenta, pés de cacau, ainda não está dando renda porque é só um pouco, já tenho uma parte pra começar a tira as mudas pra expandir, até no momento não conseguir crescer o plantio. (Estudante R, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

_ Nós estamos mexendo com a plantação de cacau ali, tem Mil pé plantado já, lá na terra do meu sogro, no meio do ano no tempo da safra da pimenta do reino a gente tira também, a gente tira na meia, o que dará nós vende a metade o que gastou ai a metade é nossa. Meus esposo trabalha no jirico da associação, é assalariado pela prefeitura. (Estudante ES, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

_ A gente tem a plantação de mandioca que é 4 linhas, ai a gente já tá colhendo essas mandiocas para produzir a farinha. A gente praticamente esta mais para o consumo agora, porque apesar do preço não tá muito pra vender, pois me parece que esta 25,00

R\$ a lata, é da tanto trabalho pra fazer e o povo não valoriza, da muito trabalho. (Estudante L, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

_ Plantio de feijão, mandioca, hortaliças etc. (Estudante M, feminino. Entrevista concedida aos 12/112/2019)

_ Trabalho apenas na agricultura. (Estudante IA, masculino. Entrevista concedida aos 13/12/2019)

_ Tirar leite, fazer diária para outros produtores, faz roça uma vez no ano, mais é abóbora, melancia, quiabo maxixe essas coisas assim, milho. (Estudante W, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Ao saber que os principais trabalhos realizados por estes estudantes são na agricultura, podemos destacar que, apesar dos cultivos anuais, no qual se destaca a mandioca para produção de farinha, alguns estudantes citaram a produção de cultivos permanentes como cacau, pimenta do reino e na criação de bovinos.

Fica perceptível que, na localidade, se destaca o cultivo de mandioca e pimenta do reino, por considerar uma “terra boa”, para estes tipos de cultivo, também por ser produtos de melhor facilidade para comercialização.

Dentre as atividades de criação, são mencionadas a criação de pequenos e médios animais como porco, carneiro e galinha (P-f), destacando-se a criação de animais de grande porte, como o gado, citado por dois entrevistados (W-m; E-m)

Tirar leite, e sou diarista para os que tem seu terreno próprio, cuidando do cultivo de abóbora melancia, quiabo maxixe essas coisas assim, milho tira a renda também, uma parte é para nos consumir, a outra nos dá para os animais comerem, vende principalmente abóbora quiabo maxixe nos manda para a cidade, para Jacundá, aqui mesmo vem gente aqui comprar. (Estudante W, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

A criação de gado é compreendida como poupança (expressa na ideia de “renda”). Por ter a produção do leite, e também o maior consumo de carne bovina da região.

[A criação de gado] a gente mais usa como renda, a gente vende mais os porcos e carneiros, atualmente a gente está com poucos carneiros, mas a gente chegou até mais de 30 carneiro aqui, era o que ajudava muito, quando as coisas iam apertando vendia um carneiro, vendia um porco, agora a gente está com mínimo 10

carneiro só, galinha tem só pra consumo, porque tem pouca, não vai 30 galinha no terreiro, por que tem raposa que come, pessoas que passam por aí e atropela de carro, aí está com pouca galinha no momento. (Estudante P, feminino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Eu tenho meu próprio espaço para cultivo, a gente convive do que vende, o que traz da produção da terra, criação de bovinos, questão do cultivo da agricultura é pra isso da pra movimentar. Vem da criação de gado, e também a questão do da produção de farinha de mandioca que faço para vender no mercado pra sobreviver. Uma parte pra consumo outro para a venda. (Estudante E, masculino. Entrevista concedida aos 15/12/2019)

Dentre as atividades de beneficiamento, destaca-se a produção de farinha para fins de consumo e comercialização, sendo uma das principais fontes de renda das famílias. A vila Janari é referência na produção de farinha, apesar disso, chama atenção o fato de ter sido pouco mencionada pelos entrevistados.

Vê-se que a produção realizada pelo conjunto de estudantes da turma EJA Médio Campo apresenta características de uma policultura-pecuária, como define Wanderley (1996, p. 3):

O sistema tradicional de produção camponês, denominado de “policultura-pecuária” é considerado “uma sábia combinação entre diferentes técnicas”, foi se aperfeiçoando ao longo do tempo, até atingir um equilíbrio numa relação específica entre um grande número de atividades agrícolas e de criação animal.

Destacamos que há outros cultivos e atividades que são realizadas pelas famílias e que, de fato, não são mencionados pelos mesmos. Em geral, porque são destinados ao seu consumo imediato. Nesse sentido, destaca-se o trabalho realizado pela mulher, como “dona de casa” no preparo dos alimentos, que em geral, não é considerado como atividade de beneficiamento.

A produção realizada pelos agricultores é consumida e comercializada uma parte no município e região, cidades vizinhas como: Tucuruí, Breu Branco, Goianésia do Pará e Jacundá. Estes produtos são vendidos para os comerciantes das cidades, em forma de atacado, a qual os mesmos vendem para sua clientela em varejo.

Dentre as atividades mencionadas pelos estudantes, identificamos outras atividades tais como: confecção de adesivos artesanais para serviços de manicure (como cita as estudantes JC e L), e prestação de serviços como diaristas sendo esta atividade mencionada por estudantes do sexo masculino (estudantes Rm-m; W-m).

Eu trabalho durante o dia fazendo os meus adesivos, e às vezes trabalho com o pimental aqui em casa, ai eu tenho uma horta aqui mais é só para o dia-a-dia para nosso consumo. (Estudante L, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

É eu vivo de bico, fazendo bico, trabalho de bico aqui é outro acolá, é isso dificulta porque, como sou diarista e o trabalho é sempre demorado, as vezes atrasa para alcançar o transporte para ir para a escola, algumas vezes eu preciso ir de moto porque chego atrasado, o ônibus já tem passado. (Estudante R, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

No artesanato, que consiste na produção de adesivos de unhas, foi observado que tem havido uma grande procura por este serviço, pois são confeccionados e comercializados para as cidades vizinhas. As mulheres realizam a atividade terceirizada atendendo encomendas. A responsável pela solicitação/encomenda vende os adesivos para outras cidades da região.

O sistema de produção e trabalho realizado pelos estudantes inseridos na pesquisa ainda é caracterizado por uma diversidade de atividades, neste trabalho não foi possível fazer uma análise mais detalhada desses sistemas produtivos identificando suas potencialidades e fragilidades. Apesar disso, é possível reafirmar a importância do trabalho da agricultura familiar sobre o qual tentamos fazer alguns destaques, no item que segue, mobilizando as narrativas dos estudantes.

3.5 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Garante a manutenção/reprodução da família, (pagar as contas, os cuidados com os idosos, garantia da moradia).

É importante assim, porque ajuda a gente pagar nossas conta, ajuda também meu sogro porque meu sogro não tá dando conta mais, esses dias ele adoeceu, é nós teve que ir pra lá [lote do sogro], é tudo isso dá uma renda mais extra pra gente conseguir exclusivo pra gente fazer nossa casa aqui foi assim, tirava um tiquinho daqui, um

tiquinho dali, aí conseguimos fazer aos pouquinhos é está fazendo, todo ano quando nos tira, agora vamos fazer a área a gente vai tirando, economizando né um pouquinho a gente vai fazendo aos poucos, já é uma grande ajuda”. (Estudante ES, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

Olha com a criação dos porcos, a gente está podendo pagar um bocado da despesa de casa porque, mesmo que seja poucas pessoas aqui em casa, mais tem muitas despesas principalmente com medicamento, pois tem a mãe que é hipertensa, está fazendo tratamento em Belém, porque está com tireóide, tem meu tio que é cadeirante precisa de muito medicamento, [...], é até mesmo para nós mais novos comprar uma roupa e uma sandália. E com a criação dos porcos a gente vai conseguindo tirar. Vende um ou dois e consegui tirar um pouco de dinheiro. Às vezes faz um plantio de milho, tira o milho vende um pouco, guarda o outro que é pra ir dando para as galinhas, até para os porcos também, porque para a comida deles tem que comprar bastante farelo de trigo, porque um saco não dá para trinta dias, tem muitos porcos, gastamos 5 saco por mês e porque é misturado com resto de lavagem. Ultimamente ganhamos a macaxeira, fomos fazer tapioca e massa, a gente pegava aquela massa dava para os porcos. Estava enchendo bem, só que acabou a macaxeira já, e agora só quando compra é o saco está 12,00 reais, e damos farelo e como eles estão sobrevivendo mais com farelo e o soro, porque o Alison entrega leite, ele tem 7 vaca está dando uns 12 litro de leite, é já é uma ajuda pra ele, o rapaz está pagando 0, 70 centavo no litro, aí no final do mês ele recebe aquele dinheiro é já dar uma ajuda pra ele. (Estudante P, feminino. Entrevista concedida aos 14/12/2019).

Além da manutenção para saciar necessidades imediatas das famílias, há produções/produtos que têm (finalidade de poupança) como a destinação também de venda para prover itens que não são produzidos pela família no lote.

Pra mim é bom, porque eu já gosto de trabalhar com a terra, com plantio, essas coisas. Acho tão bonito! Aí também, mais é pra nossa sustentabilidade. A pimenta do reino, nem tanto, porque é pra ganhar um extra, pra poder já aplicar no pimental. A gente compra muda. Quando a gente não faz, a gente compra. Compra alguma adubação, alguns inseticidas, pois até o esterco do gado a gente tem que comprar. Ai vai ajudando nisso. Compramos algumas coisas pessoais com o dinheiro que a pimenta nos traz. E da mandioca, é mais pra nossa sustentabilidade, é pra fazer alimento para os porcos, pois meus pais tem criação e a gente doa pra ele. (Estudante L, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

[A criação de gado,] A gente mais usa como renda, a gente vende mais os porcos carneiros, atualmente a gente está com poucos carneiros, mas a gente chegou até mais de 30 carneiro aqui, era o que ajudava muito, quando as coisas iam apertando vendia um carneiro, vendia um porco, agora a gente está com mínimo 10

carneiro só, galinha tem só pra consumo, porque tem pouca, não vai 30 galinha no terreiro, por que tem raposa que come, pessoas que passam por aí é atropelado de carro, aí está com pouca galinha no momento". (Estudante P, feminino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Além da manutenção, do sustento da família, a agricultura familiar é compreendida como fonte de geração de renda e emprego:

Com agricultura familiar, pode-se gerar renda e emprego no campo". (Estudante M, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

A importância que tem para o produtor é que com a propriedade pequena de 10 alqueiro, você tem que diversificar, então você tem que consorciar um pouco com a criação de gado, um pouco com plantação de mandioca, com um pouco de plantação do cacau, para que você possa de cada coisa ter uma renda, para haver a sobrevivência, não é fácil mais melhora muito ao agricultor quando ele faz isso. (Estudante E, masculino. Entrevista concedida aos 15/12/2019)

Além disso, expressa um modo de vida, um modo de produção de sua existência marcada pela forte relação com a terra e com o trabalho no campo: um aprendizado que ultrapassa gerações.

Olha pra mim, que praticamente nasci e me criei na zona rural, pra mim é tudo, porque eu nunca trabalhei na cidade empregado, então a minha vida é no campo, sempre trabalhei no campo, e pra mim é importante em função disso, não tenho outros horizontes, é da onde tiro meu sustento, apesar da dificuldade mais para me da tudo certo porque é a minha vida né, a minha família todas pessoas foram criado na roça. (Estudante R, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Ao perguntar sobre a venda dos produtos por estes agricultores obtive as respostas:

É na comunidade de Placas Pitinga [município de Breu Branco distante uns 35 km da vila]. Porque é mais fácil de levar. (Estudante, ES, feminino. Entrevista concedida aos 12/12/2019)

Vem da criação de gado, pequenos animais, e também a questão do plantio da mandioca, que vem fazer a farinha e vender no mercado

para sobreviver. Uma parte para consumo e outra para a venda. (Estudante E, masculino. Entrevista concedida aos 15/12/2019)

É o carvão é vendido para Marabá, os caminhões vem aqui compra e leva para Marabá. (Estudante R, masculino. Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Tira a renda também, uma parte é para nos consumir, a outra nos dá para os bichos comer, vende principalmente abóbora, quiabo, maxixe nos manda para a cidade, para Jacundá, aqui mesmo vem gente aqui comprar. (Estudante W, masculino . Entrevista concedida aos 14/12/2019)

Além dos aspectos acima citados, a produção da agricultura familiar da vila Janari contribui na manutenção/abastecimento do mercado local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de compreender a experiência do EJA Médio Campo para estudantes agricultores da Vila Janari e professores atuantes no programa, e como essa proposta pedagógica tem ou não valorizado a identidade dos estudantes na agricultura familiar. Também buscou compreender como o Projovem Campo Saberes da Terra subsidiou a criação do EJA Médio Campo, a partir da sua experiência na Vila Janari. O estudo foi realizado junto a uma turma de EJA na Escola de Ensino Estadual Gilvan Caldas Nunes, na Vila Janari, no território de Goianésia do Pará – Pará e envolveu moradores pioneiros, estudantes e professores.

A partir da pesquisa realizada, foi possível compreender que a história da formação da vila Janari, no início da década de 1990, permanece viva na memória dos pioneiros da comunidade. Vê-se que o nome da Vila tem forte relação com sua história de formação, sendo expressão de relações sociais construídas pelos sujeitos. Foram realizadas muitas iniciativas das famílias para terem a oferta da educação básica na própria comunidade. No que trata da oferta da EJA, tem-se apenas uma turma no período da noite, que inicialmente estava ligada ao Projovem Campo Saberes da Terra e após, ao programa EJA Médio Campo. No entanto, essa experiência formativa ainda não se refletiu em alterações significativas na organização curricular da escola.

O Projovem Campo Saberes da Terra subsidiou a criação do Programa EJA Médio Campo, a partir da sua experiência na Vila Janari, pois a implantação do EJA Médio Campo foi resultado da reivindicação dos estudantes concluintes do anos finais do ensino fundamental no Projovem Campo Saberes da Terra. De modo que a reivindicação consistiu na oferta do ensino médio na localidade de moradia, como também com proposta pedagógica específica capaz de valorizar a identidade camponesa, relacionando estudo e trabalho no campo. Ao apontarem o Projovem Campo como referência para a organização do ensino médio, os estudantes acabam por referendar esta como uma política de EJA com potencial de valorização da identidade camponesa.

Essa pesquisa possibilitou conhecer melhor os estudantes trabalhadores que vivenciaram a experiência formativa no Projovem Campo Saberes da Terra e EJA Médio Campo, e a força de vontade de cada um que não deixaram o sonho de continuar os estudos, mesmo em meio a inúmeros desafios encontrados em suas trajetórias, estradas interditadas para poder ter acesso a escola, carros quebrados, entre outros.

Viu-se portanto que, o processo histórico do Projovem Campo ao programa EJA campo: se deu em função da grande necessidade da continuidade dos estudos dos alunos que concluíram o ensino fundamental pelo saberes da terra, como os alunos haviam concluído o ensino fundamental por área de conhecimento, com o currículo integrado e que valorizava o contexto do aluno, então sentiam a necessidade de um ensino médio que levasse em consideração a perspectiva do campo, a realidade e que dialogasse com a sua realidade.

Sobre a organização do trabalho pedagógico do EJA Médio Campo, observamos que permaneceram alguns elementos do Projovem Campo Saberes da Terra, como: estava estruturado no planejamento coletivo; definição de um projeto agroecológico integrador de todas as áreas de conhecimento; realização de aulas por área do conhecimento; realização de aulas de campo onde se privilegia atividades de pesquisa e atividades técnicas; realização de visitas pedagógicas (Tempo Comunidade) e a cada dois meses realizava, uma culminância dos trabalhos envolvendo a comunidade local.

A equipe pedagógica com atuação no programa Eja Médio Campo é constituída por professores que têm uma visão respeitosa em relação aos estudantes, os mesmo reconhecem que são “estudantes agricultores”, então buscar criar uma relação entre os conteúdos trabalhados com o modo de vida dos estudantes, compreendido como ponto de partida para organizar as atividades pedagógicas entrelaçado com os conhecimentos científicos. Os professores estimulam a participação dos estudantes na construção do conhecimento e, conseqüentemente, proporcionam sentido e significado aos assuntos abordados em sala para o cotidiano dos mesmos.

Os estudantes identificam características específicas na organização do programa Eja Campo, destacando a atuação dos professores por área do conhecimento e a realização de atividades integradoras, reconhecem ainda que

essas atividades, estão articuladas com a temática da agricultura familiar, a presença de um profissional da área de agrária na equipe pedagógica do curso, contribui para esses diferencial.

Ao analisar as questões de deslocamento, relação trabalho e estudo foi possível observar a partir das narrativas que, em geral, a organização da proposta pedagógica diferenciada tem contribuído na permanência dos estudos nos estudos. Além disso, o funcionamento da turma na localidade de moradia dos estudantes reduz as dificuldades de deslocamento. Mesmo assim, é preciso destacar que as dificuldades de deslocamento mencionadas, em geral, estão relacionadas às condições de estradas e pontes, além de longas rotas feitas pelo serviço de transporte, o que pode ser indicativo de que a frota ainda é insuficiente.

O projoovem campo e EJA Médio Campo têm contribuído para motivar os estudantes participarem das aulas, assim concluindo este ciclo de aprendizagem no campo.. Mas reconhecem a necessidade de outras políticas públicas voltadas a fortalecer sua permanência no campo.

A análise sobre a importância da agricultura familiar a partir da narrativa dos sujeitos, apontou que: esta garante a manutenção/ reprodução da família e contribui na geração de renda e emprego. Expressa ainda, um modo de vida, marcado pela forte relação com a terra e com o trabalho no campo que ultrapassa gerações.

Estudos sobre o campesinato (NEVES, 2012; WANDERLEY, 1996) têm evidenciado que existe uma organização social do trabalho na unidade familiar que, em geral, é orientada pelos recortes de geração e gênero, essa ideia foi reafirmada na pesquisa realizada.

A análise das narrativas, bem como, das observações realizadas in loco contribui para identificarmos a categoria do “trabalho invisível”, pois, há um conjunto de atividades realizadas que não são mencionadas nas narrativas. Logo, há uma tendência de se destacar apenas as atividades/ produtos que são comercializados. É válido ressaltar que nas falas dos entrevistados pouco são mencionadas as atividades desenvolvidas na produção dita como fundo de quintal, ou aquelas que visam somente o consumo diário. Por isso, em especial na narrativa das mulheres, se auto identificam como “dona de casa” sem a preocupação de detalhar no que consiste essa atuação no dia-a-dia tanto na casa como no lote.

O programa Projovem Campo Saberes da Terra na modalidade EJA com oferta dos nos finais na modalidade EJA trouxe várias contribuições para a formação dos jovens e adultos da vila Janari, estimulando a não desistir dos seus estudos, no ensino médio. Apesar de os sujeitos estarem inseridos em processos escolares formais, essa conquista ainda é muito recente. Nas narrativas, ainda há a presença do imaginário da ruptura entre trabalho no campo e estudo, como se quem trabalhasse no campo não precisasse estudar. Esse imaginário reforça a impossibilidade de unidade entre trabalho no campo e estudo.

O Projovem Campo Saberes da Terra e EJA Médio Campo são importantes iniciativas e contribuem no conjunto de políticas públicas pensadas para atender jovens e adultos do campo, mas precisam ser mais conhecidas e incorporadas nas redes de ensino para que tenham uma continuidade.

Assim, entendo que o fortalecimento das unidades familiares rurais depende de diversos fatores, e não pode ser concebido com políticas isoladas, é necessário que haja integração de políticas econômicas, agrícolas e de desenvolvimento rural, para que a sustentabilidade da população camponesa seja garantida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil** São Paulo: Saraiva, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 257- 265.

DAMASCENO, Nagilane Parente; KHAN, Ahmad Saeed; LIMA, Patrícia Verônica Pinheiro Sales. **O Impacto do Pronaf sobre a Sustentabilidade da Agricultura Familiar, Geração de Emprego de Renda no Estado do Ceará**. RESR, Piracicaba, SP, vol. 49, nº 01, p. 129-156.

EQUIPE EXECUTIVA DO PROJOVEM CAMPO – Saberes da Terra, CGEC/SECAD/MEC. **PROJOVEM CAMPO – SABERES DA TERRA**. Disponível em: <[PROJOVEM CAMPO – SABERES DA TERRA \(dominiopublico.gov.br\)](http://dominiopublico.gov.br)>, acesso aos 04 nov. 2020.

FERNANDES, Luciana Pinto; BASTIANI, Tânia Mara de. **Projovem Campo - Saberes da Terra: Desafios e Perspectivas para as Escolas do Campo**. UFSM. Disponível em: https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ce/wp-content/uploads/sites/373/2019/06/Regional_Santa_Maria_2013-1-1.pdf Acesso em: 01/10/2021

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. (p. 748-755)

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos**. *Revista Brasileira de Educação*, rio de Janeiro, n. 14, p. 108-130, 2000.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura Familiar In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. (p. 32-40)

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (orgas.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: SEPE-RJ, 2004.

PEREIRA, Airton dos Reis. Colonização e conflitos na Transamazônica em tempos da ditadura civil-militar brasileira. PEREIRA, Airton dos Reis... [et al.]. **Culturas e dinâmicas sociais na Amazônia Oriental brasileira** - 1. ed. - Belém, PA: Paka-Tatu, 2017.

RANGEL, M., CARMO, R. B. Da educação rural à educação do campo: revisão crítica. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 36, p. 205-214.

SOUZA, M.A. **Análise crítica das decisões judiciais sobre os cursos superiores para beneficiários da reforma agrária 2012**. 112f. Trabalho de Conclusão de Curso (Direito) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.

[Seduc implanta Ensino Médio para Jovens e Adultos no Campo em 11 municípios paraenses \(agenciapara.com.br\)](http://agenciapara.com.br) Acesso aos 18 nov. 2021

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. XX Encontro anual da ANPOCS. GT 17. Processos sociais agrários. Caxambu, MG. Outubro 1996.